

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL**  
**CURSO DE JORNALISMO**

**RÔMULO GIACOMIN SOARES**

**ALÉM DO JOGO:**

**A atmosfera da maior rivalidade de Minas Gerais**

Produto

Mariana - MG

RÔMULO GIACOMIN SOARES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo de graduação em TCC da UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO, como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Carlos Jáuregui

Mariana - MG

2020



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Rômulo Giacomini Soares**

**Além do jogo: a atmosfera da maior rivalidade de Minas Gerais**

Membros da banca

Carlos Fernando Jáuregui Pinto - doutor - Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Marcelo Freire - doutor - Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Elias Santos- mestre - Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH)

Versão final

Aprovado em 28 de outubro de 2020

De acordo

Carlos Fernando Jáuregui Pinto

Professor Orientador



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Fernando Jauregui Pinto, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 24/11/2020, às 20:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0106369** e o código CRC **12A54E35**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.009010/2020-50

SEI nº 0106369

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000  
Telefone: - www.ufop.br

## RESUMO

O produto é uma série documental em formato de podcast, dividida em quatro episódios, que busca compreender de que forma uma partida de futebol entre os dois maiores clubes de Minas Gerais impacta na rotina das pessoas e dos serviços comerciais e de segurança de Belo Horizonte. Com o trabalho de apuração, produção, entrevista e edição, foi construída uma narrativa capaz de representar as nuances que explicam o motivo desse impacto, além de expandir o tipo de cobertura mais corrente sobre um jogo futebolístico. A visão do torcedores, comerciantes, jornalistas, da polícia e da própria sociologia contribuíram para que o confronto entre Atlético e Cruzeiro fosse visto com um olhar incomum. Portanto, foram consideradas tradições, histórias, análises comportamentais e questões emocionais para tratar do evento, numa abordagem em que o resultado esportivo era o menos importante. De uma forma construtiva, o “Além do Jogo” contribui para o entendimento do esporte como um fenômeno cultural, envolvendo elementos da religião, desigualdade social, o prazer humano e o conflito.

**Palavras Chave:** Belo Horizonte, Futebol, Narrativa, Podcast.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 FUTEBOL E O ESPÍRITO DA RIVALIDADE</b> .....	7
<b>2.1 Rotina e Ritual</b> .....	10
<b>3 O CLÁSSICO</b> .....	11
<b>4 RADIODOCUMENTÁRIO</b> .....	12
<b>5 PODCAST</b> .....	14
<b>6 PROPOSTA E METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO</b> .....	16
<b>6.1 Pauta</b> .....	17
<b>6.2 Roteiros</b> .....	19
<b>7 RELATO DE PRODUÇÃO</b> .....	20
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	22
<b>9 REFERÊNCIAS</b> .....	24
<b>ANEXO 1</b> .....	25
<b>APÊNDICE 1</b> .....	27

## 1. INTRODUÇÃO

Como estudante de jornalismo, reparei que durante a minha vida acadêmica, algo que permaneceu, com solidez, nessa trajetória foi o interesse pelo futebol e pelo jornalismo esportivo. Sendo um admirador do futebol mineiro, acompanho os dois maiores clubes de Minas Gerais há anos, e algo que me chamou atenção foi a rivalidade entre as duas maiores equipes do estado, junto com o impacto dentro da capital dos dias de confrontos entre as duas equipes. Sendo assim, o meu trabalho de conclusão de curso visa retratar o clássico entre Atlético e Cruzeiro, com uma visão além da partida em si, incluindo vários âmbitos da rotina da cidade afetados quando ocorre o jogo. E, incluindo aí, retratar o torcedor que vive os momentos antecedentes à partida de maneira diferente do costume, depositando particularidades nas suas ações, proporcionando aos seus hábitos um teor diferente, o que diz um pouco sobre a expectativa para com a partida e também o lado emocional que ela envolve.

Busco encontrar, por meio de um produto jornalístico, alguns elementos que já são apontados por autores de diferentes áreas das ciências humanas como pertencentes a esse universo:

O futebol é um ritual performático que, assim como os demais esportes, põem em ação diferentes atores sociais e pode ser interpretado desde o ponto de vista dos atletas, torcedores, mídias, cartolas, etc. Como é um fato de grande apelo popular, informa os gostos e os interesses de seu público, os parâmetros éticos e estéticos que orientam o comportamento individual e coletivo dos aficionados. (DAMO, 2001)

O formato do produto também parte de uma ligação pessoal com o gênero radiodocumentário. Dediquei a projetos radiofônicos dentro da faculdade a maior parte do curso, além de também já ter produzido documentários bibliográficos por meio do áudio. Mas outra coisa que me motivou a produzir este trabalho nesse formato é a histórica relação do futebol e o jornalismo esportivo das rádios. Por ser a

primeira mídia a transmitir em tempo real uma partida de futebol e acompanhar o esporte até hoje nota-se uma proximidade entre a linguagem radiofônica e essa prática esportiva. As disputas são marcadas pela narração de locutores específicos, identificados com públicos e torcidas, ou pelas trilhas tradicionais executadas durante as transmissões (vinhetas, músicas, propaganda). Por fatores como esses, o projeto tem como objetivo explorar a proximidade tradicional entre rádio e futebol, mas também trazer a atualidade, entendendo a internet é uma plataforma viável para a apresentação do produto.

A partida em si entre Atlético e Cruzeiro já atravessou décadas e se consolidou como um evento de grande relevância para a capital mineira. No dia a dia se nota que a cidade muda em diversos aspectos, desde política, trânsito, relações humanas e comércio. E, com isso, o jornalismo se fez presente em suas coberturas, pois milhares de pessoas da cidade criam uma demanda para saber as informações acerca de seus respectivos clubes e seus adversários.

Com isso, diversas discussões sobre futebol em âmbitos sociológicos e psicológicos serão retratados a partir das abordagens de autores como Roberto DaMatta e Hilário Franco Junior, trazendo explicações, análises e contextos necessários para que o tema seja abordado por meio de um radiodocumentário, formato que se caracteriza especialmente pela pesquisa em profundidade. Além disso, este memorial também tratará prática da produção radiofônica seus conceitos a partir da visão de autores como Luiz Ferraretto, que apresenta de maneira didática cada ação necessária para a produção de um radiodocumentário.

## **2. FUTEBOL E O ESPÍRITO DE RIVALIDADE**

O futebol é o esporte mais popular do mundo e há várias explicações para ele ter atingido tal patamar. Sendo uma prática com alta complexidade, tratamos a rivalidade enfocando aspectos humanos e sociais relacionados à rivalidade e a influência do futebol no cotidiano dos moradores da cidade de Belo Horizonte.

Inúmeras vezes a importância desse esporte já foi questionada, ligado diretamente e, de forma preconceituosa, ao campo irracional da sociedade. Entretanto, o futebol está ligado a análises comportamentais bastante relevantes para a compreensão das relações humanas. Sendo quase impossível lidar com o tema em um âmbito individual, o hábito de “torcer por alguma equipe” e “integrar uma torcida” devem ser encarados do ponto de vista coletivo.

Pessoas de diversos bairros e regiões de Belo Horizonte, em contextos diferentes defendem o mesmo escudo, algo relacionado a uma identidade, que é específica de uma maneira, mas alcança diferentes grupos. Nesse cenário, (principalmente em comparação com as ações mais rotineiras dos indivíduos), o futebol também trabalha como válvula de escape para seus admiradores, e isso é notado desde sua criação em tempos de Revolução Industrial. Perante uma partida, as pessoas abandonam momentaneamente hábitos de cotidianos, diretamente relacionados a seus contextos socioeconômicos, e depositam grande parte de sua energia ao acompanhar o jogo.

Seja no caso de trabalhadores de fábricas (nos primeiros momentos do esporte), nas favelas ou em bairros insalubres, em que a rotina costuma ser de maior dificuldade, é criada uma nova perspectiva no dia de jogo. Naquele momento o que importa é a vivência da partida. O espírito e atmosfera do futebol transcende as classes sociais, pois nesse sentimento, membros de diversos meios são unificados em um lugar, torcendo para um mesmo time. Mesmo com diferentes processos de popularização e elitização do futebol, o entorno do estádio possui pessoas com poderio financeiro diverso, como exemplo, um comerciante que vende bebidas e alimentos interage com centenas de pessoas para realizar sua venda, ou seja, o futebol proporciona lugares de encontro.

No caso de um confronto entre rivais de uma cidade, a expectativa acompanha não somente o dia da partida, mas o cotidiano em que ela se encontra. Ou seja indivíduos exercem seus hábitos e obrigações, porém sempre reservando



parte de seu tempo para se inteirar dos preparativos para o grande jogo. Isso tudo pode acabar se tornando um depósito de frustrações coletivas, assim como afirma Hilário Franco Júnior em *Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura (ANO)*, algo que se não distância das festas populares em que, frequentemente é possível ver pessoas descontando a dificuldade diária em momentos festivos que serve para uma compensação e entretenimento daquele indivíduo.

Ainda no âmbito da psicologia, é possível notar uma espécie de autoproteção da torcida. O ato de se autoafirmar com tanta veemência através de cantos, gritos de guerra e atos violentos, mostra um narcisismo por parte daquele ambiente coletivo (FRANCO JUNIOR, 2007). Segundo o autor, essa necessidade de uma torcida se impor tem elementos simbólicos de luta por sobrevivência, ou seja, nada pode atingir, ferir ou desonrar aquilo com que o coletivo se identifica. E nisso, mais uma vez, se avista certa compensação na partida para os mal-estares existenciais dos indivíduos membros desses torcidas..

Tratando-se de um confronto tradicional e regional, a rivalidade é um dos pontos centrais da discussão que cerca uma partida entre Atlético e Cruzeiro. Ao se pensar nisso, lembra-se da ideia de competição. Mas isso porque, historicamente, o futebol foi construído de uma maneira que se assemelha a uma guerra simbólica:

Certos futebolistas, devido à disposição mostrada durante as partidas, ganham o apelido de 'guerreiro', outros em razão de sua força física são chamados de 'tanque'. Vavá, o centroavante brasileiro nas Copas de 1958 e 1962, era Peito de Aço. A própria partida é 'confronto', 'duelo', 'embate', 'encontro', 'peleja'. Na década de 1940, comparando as seguidas vitórias do Exército alemão com as do São Paulo de Leônidas e do Internacional de Tesourinha, a imprensa brasileira chamou os dois times de Rolo Compressor. (FRANCO JUNIOR, 2007, p.236)

Essa é a lógica por trás da existência de um "capitão" para o time, do "jogo duro", das estratégias para atingir o campo adversário, do carrinho de um jogador ser valorizado como demonstração de "garra", e jargões como "o jogador tem de dar o sangue à camisa", o artilheiro ser referido como "matador", uma jogada decisiva

ser atribuída com a fala de que “matou o jogo”. Observa-se como a competitividade é propícia a esse ambiente, e ao se tratar dos torcedores não é diferente. Por isso, uma grande tendência em interpretar a rivalidade como autoafirmação e desejo de deterioramento do oponente, seja de forma simbólica ou de maneiras mais materiais, quando surgem confrontos físicos entre aficionados ou jogadores.

## **2.1. A rotina e o ritual**

A competitividade característica do futebol acarreta prazeres, sofrimentos e outras sensações que permitem o indivíduo, mesmo inserido num contexto coletivo, a participar de forma singular em um espetáculo. O momento do gol é a hora do clímax da obra, dentro de noventa minutos de tensão, em que a satisfação só tem grande relevância por causa da expectativa e da ambição, sempre almejando o momento de maior felicidade. Isso implica uma relação do futebol com o âmbito dos ritos.

Além disso, a estrutura do esporte em si pode ser comparada a de uma vida comum dentro da sociedade. A implicação das regras do jogo, os padrões de sociabilidade e civilização trazem algumas limitações sobre os desejos das pessoas, assim como no futebol. A proposta de se ter alguns limites nesse esporte acarreta uma sensação de igualdade na disputa, assim como diz Wisnik (2008), “credo igualitário, o esporte, no caso o futebol, conservaria um parentesco latente como o rito.” Na mesma linha, Damatta sustenta que o rito reequilibra o que antes, dentro da realidade do sujeito, era desigual:

Nesse sentido, o esporte é um ponto que liga modernidade e individualismo com velhos e esquecidos valores morais. Ele é uma indústria e um espetáculo, mas é igualmente um rito e uma arte. Uma atividade especial que combina com rara felicidade as máximas do capitalismo moderno com as velhas e esquecidas práticas da reciprocidade. Essa reciprocidade sem a qual – conforme ensinou Marcel Mauss – não existe sociabilidade, pois é ela que obriga a dar, a receber e, sobretudo, retribuir com redobrado zelo. Desse modo, a atividade esportiva em geral e, dentro dela, o futebol, permite ritualizar a competição, o que vai estabelecer ou reafirmar os melhores e os piores, os ganhadores e os perdedores, os primeiros e os últimos, dentro de um quadro estratificado que o credo igualitário tende a mistificar e esconder. (DAMATTA, 1994, p. 14)

### 3. O CLÁSSICO

A partir da década de 1950, Minas Gerais começava uma rivalidade que, posteriormente, ganharia proporções muito significativas na população do estado e, principalmente em Belo Horizonte, em termos sociais, políticos e econômicos. Se trata de dois clubes de futebol que se destacaram no esporte em âmbito estadual e nacional, Atlético e Cruzeiro. Além do crescimento dos dois times, o confronto começou a proporcionar uma disputa com destaque não somente dentro de campo, mas também como fora dele.

Apesar de o Clube Atlético Mineiro ter sido fundado em 1908 e o Cruzeiro Esporte Clube em 1921 (como *Societá Sportiva Palestra Itália*), foi no Campeonato Mineiro de 1956 que a rivalidade entre os dois começou a ter relevância. Na ocasião, o campeão não foi definido entre os dois, já que cada um foi campeão de um turno, decidiram o jogo em três jogos. O Atlético venceu a primeira partida e empatou a segunda, mas seu lateral esquerdo Laércio, que substituiu Haroldo machucado, não havia apresentado dispensa ou prestação do serviço militar, tendo se inscrito na competição apenas com um exame médico. Sendo assim, o Cruzeiro foi até o Tribunal de Justiça Desportiva (TJD) e requisitou os pontos da partida empatada. Entretanto o TJD não aceitou, alegando que era responsabilidade da Federação Mineira de Futebol (FMF) e não do clube.

No terceiro jogo o Atlético venceu mais uma vez, porém o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), resolveu dar os pontos da segunda partida à equipe celeste. Com isso, uma quarta partida seria necessária para a disputa, mas desta vez a equipe alvinegra foi que recorreu no Conselho Nacional de Desporto (CBD), garantindo uma liminar para não disputar o jogo. “A questão só foi resolvida após a CBD ameaçar os clubes pertencentes a federações estaduais com títulos sub judice de não participar do primeiro Campeonato Brasileiro, em 1959. Em 29 de março de 1959, ambos foram proclamados campeões mineiros de 1956”. (SIMÕES, 2018)

Hoje o clássico Atlético x Cruzeiro envolve mais de doze 12 milhões de torcedores. Um total de 505 jogos (segundo o lado alvinegro) ou 491 (segundo a versão azul), goleadas, festas e muita polêmica envolve a maior rivalidade do estado de Minas Gerais. Muitos ídolos do futebol nacional disputaram e deixaram sua marca no confronto, como Tostão, Paulo Isidoro, Sorin, Taffarel, Dirceu Lopes, Éder Aleixo, Ronaldo (o “Fenômeno”) e Ronaldinho (o “Gaúcho”). E ainda, houve grandes nomes que estiveram em ambos os lados, tendo sido contratados pelos dois times, como Luizinho, Reinaldo, Guilherme, Cerezo, Cláudio Caçapa e etc.

As duas equipes tiveram tempos de glórias no futebol nacional durante os anos de 2013 e 2014, já que ambos acumularam títulos importantes em uma mesma época. O time alvinegro conquistou a Copa Libertadores em 2013, Recopa Sul-Americana e Copa do Brasil em 2014. Já o clube azul conquistou dois títulos do Campeonato Brasileiro consecutivamente também em 2013 e 2014. Além disso, os dois clubes protagonizaram a final da Copa do Brasil de 2014, vista como um dos maiores clássicos da história, já que se tratava de um Derby que decidiria um título nacional. A taça foi conquistada pelo lado alvinegro, que venceu as duas partidas, uma por 2 a 0 e outra por 1 a 0.

#### **4. RADIODOCUMENTÁRIO**

Por motivos de o rádio estar, historicamente, caminhando com o futebol há décadas, o produto documental tornou-se viável e propício para tratar do tema. A produção documental radiofônica proporciona maior elaboração e liberdade criativa para quem o produz. Difere da grande reportagem em que ainda persistem mais moldes da cobertura jornalística diária, para entrar em outro nível de elaboração, podendo assim se estender em tempo para entrevistas e narrativas. O compromisso com atualidade já não é o foco principal, mas ao mesmo tempo a profundidade é mais exigida, sendo preciso garantir, de certa maneira, a atenção constante do ouvinte, em se tratando de um produto tipicamente mais longo em sua duração.

Ao conceituar o documentário, uma das primeiras dificuldades que se apresentam diz respeito à sua

diferenciação em relação à grande reportagem ou reportagem especial. Certo senso comum reduz essa distinção à duração desses produtos sonoros. Por essa visão equivocada, o documentário seria apenas uma versão ampliada. José Javier Muñoz e César Gil (1990, p. 69) delimitam com precisão essa diferença: (1) nos documentários, há abundância de depoimentos, mais longos e com maior espontaneidade do que nas reportagens. (FERRARETTO, 2013, p. 225)

O documentário em rádio está ligado à preparação e organização da produção, necessitando da inclusão de parâmetros para a construção do produto. Trazendo uma comparação, no registro documental são encontradas características que se assemelham às de uma pesquisa científico-acadêmica, pelo seu aprofundamento perante o tema. Entretanto, a maneira em que será reproduzida possui elementos que o diferenciam desse tipo de discurso. Afinal, como se trata de um produto jornalístico mediado pela voz de um(a) repórter/locutor, não deixa de ser alguém contando uma história, sendo necessário pensar em roteiro, clímax, e, conseqüentemente, na maneira como a pauta será recebida pelo ouvinte.

Há diversas modalidades de levantamentos em relação às quais o produtor de um documentário deve estar atento: (1) pesquisa biográfica, baseada no conhecimento existente e consolidado a respeito do assunto a ser focado e representando, desse modo, uma aproximação com o campo da ciência sem que, no entanto, signifique tornar hermético o resultado final; (2) pesquisa documental, envolvendo a busca de informações em arquivos de órgãos públicos e de instituições privadas, jornais, além de material de acervos de protagonistas e testemunhas dos fatos narrados, englobando cartas, diários, filmes, fotografias, gravações, memorandos, ofícios, regulamentações etc ; (3) pesquisa audiovisual concretizada na busca de depoimentos em áudio e - para aproveitamento do som obviamente, à elaboração de um produto radiofônico; e (4) entrevistas, questionando, basicamente, protagonistas, testemunhas, especialistas, buscando, assim, informações, análises e opiniões. (FERRARETTO, 2013)

O radiodocumentário já foi classificado como uma grande reportagem. Isso pela semelhança no processo de produção em que o registro é aprofundado e denso na pauta, mostrando um potencial biográfico de fôlego, com a narrativa de uma história. E mesmo, aberto a dramatizações, ele não teria, porém, a característica ficcional de uma radionovela, mas sim com o compromisso de relato da realidade:

descritivo e capaz de contextualizar as cenas. Entretanto, apesar do teor biográfico, o radiodocumentário traz uma apuração com uma finalidade de registro de tal tema. E não só isso, as expectativas do público destinado também se diferencia, pelo fato de conter vários gêneros e formatos dentro do gênero rádio documental.

Para alguns autores, alguns preferem situá-lo como uma grande reportagem, pois o documentário de rádio foi, originalmente, um programa baseado em documentos sonoros e só mais tarde passou a incorporar a realidade. Barbosa Filho explica que o documentário jornalístico constitui verdadeira análise sobre tema específico. (PRATA, Nair, 2009. p.102)

Portanto, a proposta do produto é trazer justamente esse caráter jornalístico com apuração, entrevista, vivência in loco e retratar a realidade que é a experiência de presenciar um clássico futebolístico de Minas Gerais em diversos aspectos. Documentar o que acontece em torno da partida, junto dos recursos e efeitos sonoros, a realidade, trazendo elementos, através da descrição, que comprovam o que é contado com fontes legítimas para tal ocasião. Assim, tendo diversos pontos de vista de pessoas responsáveis de áreas diferentes e que dissertam acerca de suas experiências trabalhando em um determinado meio, agregando e interferindo, direta ou indiretamente, a atmosfera do jogo entre Atlético e Cruzeiro.

Por meio da metodologia do radiodocumentário, o trabalho está articulado com episódios seriados de podcast, em que há uma história sendo contada de maneira documental, com elementos sonoros, ambientação sonora e entrevistas, agregando a uma narrativa interativa e sequencial, abordando algumas fragmentações sobre o mesmo assunto. A ideia é relatar fatos e histórias envolvendo o clássico Atlético e Cruzeiro, mas com diversas perspectivas, possibilitando que o enredo seja desenvolvido e, ao mesmo tempo aprofundado em alguns aspectos específicos como a rivalidade, as expectativas e os impactos do derby no cotidiano.

## **5. PODCAST**

O podcast é um tipo de mídia que vem conquistando um público cada vez maior, fazendo com que tradicionais canais de comunicação migrem para

plataformas digitais de dispositivos móveis para que também tenham acesso em suas produções de áudio. Além disso, desde seu início, sua produção tem um viés democrático por permitir que qualquer pessoa com acesso a internet e acesso a equipamentos básicos de gravação tenha a possibilidade de disseminar seus conteúdos, sem a necessidade de uma concessão pública de frequência radiofônica.

Esse tipo de mídia se insere no cenário do rádio expandido, em que não é definido mais pela transmissão de ondas, mas pelo tipo de linguagem (KISCHINHEVSKY, 2016, p.95). Com diversas atualizações digitais, o áudio ganha cada vez mais possibilidades de ser ouvido, com vários agregadores e tipos de produção e reprodução, em que se insere em meios comunicacionais e pode ser articulado com outros tipos de mídia.

Trata-se de um produto radiofônico que é possível acessar por *streaming* ou *download*, permitindo ao ouvinte pausar e atrasar ou adiantar o áudio de acordo com sua preferência. Essa característica se assemelha com os tipos de serviço sob demanda de produções audiovisuais, que já foi disseminado e consolidado no meio comunicacional.

Traçando um paralelo com a televisão, já que rádio e TV tinham em comum a transmissão via ondas eletromagnéticas, o rádio expandido supera a lógica anterior, em que era preciso estar na estação, ou canal, no devido horário para acompanhar determinado programa, jornal, entrevista e etc. Entretanto, quando se é possível traçar uma linha temporal partindo do “broadcasting”, ou seja, captação de sinal através da antena, para os meios digitais, em que se possibilita o acesso instantâneo e atemporal para o acesso do produto, se torna clara a maneira como a demanda do público se tornou o foco principal.

Como a linearidade da transmissão em broadcasting, essa é uma característica técnica do podcasting. Aqui, o equivalente à antena da TV que capta uma transmissão é o leitor de RSS, um software que reconhece e captura atualizações em sites, blogs e podcasts previamente escolhidos (assinados) pelo usuário. Uma página de podcasts, após ter sido assinada, passa a transmitir automaticamente novos “programas” para o computador do assinante. O podcast fica

armazenado no leitor de RSS, podendo ser acessado a qualquer momento, mas também pode ser salvo no próprio computador do usuário. Assim, cai o conceito de grade de programação – o consumidor decide quando e como consumir o áudio ou o vídeo. (FRANCO, p.53, 2009)

A praticidade e rapidez da disponibilização do conteúdo é uma das características principais do podcast. Esse ponto compactua com o conceito de convergência da mídia, em que as mídias tradicionais, caso inseridas nas plataformas digitais, descem um degrau na distribuição de informação e se tornam relevantes tanto quanto um produtor independente, sempre visando o público como principal ator ativo na lógica de produção midiática. Dada essa facilidade de produção para o iniciante sem medo de pesquisa, é de se perguntar se não soa um tanto deslocado trazer para o podcasting o critério do broadcasting de valorização de produtos e produtores – a audiência. (FRANCO, 2009)

Sendo mais um fruto da intersecção de desenvolvimentos tecnológicos e sociais que conhecemos como web 2.0, o podcasting é fundamentalmente uma mídia aberta a qualquer um – você ou a Rede Globo. Criar um podcast é simples como abrir uma conta de email: basta acessar um site de hospedagem gratuita de podcasts como o MyPodcast que em poucos minutos você já terá um espaço para publicar seu podcast.. (FRANCO, p.53, 2009)

Essa cultura de convergência fez com que canais independentes ficassem extremamente consolidados no meio, como o NerdCast, Radiofobia, RapaduraCast e etc. Assim, os grandes canais de comunicação se viram obrigados a migrar e se adaptar com um tipo de mídia de fácil acesso, como o jornal Estado de São Paulo com o podcast “Café da Manhã”, ou o Globo, maior canal de comunicação do país, tivesse o Globoesporte em formato de áudio nas mais plataformas difundidas no meio, ou até mesmo o “ProvoCast” da TV Cultura, que traz seu programa de entrevistas adaptado ao ambiente radiofônico.

## **6. PROPOSTA DE METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO**

Este trabalho se propõe a desenvolver um podcast de quatro episódios com linguagem de radiodocumentário, com duração prevista ao redor de 15 minutos.



Optamos por combinar o planejamento de uma pauta jornalística com o roteiro de um documentário para rádio, com o objetivo de aprofundar os processos de planejamento e a pesquisa. Iniciaremos a apuração a partir da pauta apresentada a seguir, que nos auxiliará a guiar nosso trabalho de pesquisa e angulação. O roteiro do documento será construído em um momento posterior do processo.

A pauta aponta para a apuração de dados e indicações de entrevistas, além de um mapeamento dos aspectos e âmbitos da rotina de Belo Horizonte afetadas pelo confronto futebolístico tradicional da capital. Dessa forma, o planejamento dá destaque a entrevistas com indivíduos que estão envolvidos na dinâmica do clássico, que, direta ou indiretamente, contribuem para a construção da atmosfera envolvendo o jogo. É o caso de jornalistas, comerciantes, membros responsáveis pelo trânsito e os próprios torcedores.

A proposta é ambientar o ouvinte ao máximo a elementos que não estão precisamente dentro de campo, mas que de certa forma, criam essa dimensão que a partida tem para a capital mineira. Com isso, recursos como sons ambientes, efeitos sonoros, elementos tradicionais que trazem a atmosfera para os ouvidos. Além de captação, os recursos de edição serão necessários para que essa ideia aconteça.

O viés jornalístico do radiodocumentário ainda será marcado pelo formato, com elementos de apuração, entrevista e recursos de linguagem para que o entendimento seja explícito, mas não didático, que esteja no âmbito de vivência e relatos, como algo documental marcante. É importante também, que o produto seja ouvido por diferentes indivíduos, independente de qual torcida pertence o ouvinte, pois a ideia central é que o jogo em si não seja exatamente o protagonista, mas sim os elementos pertencentes ao jogo que o fazem se tornar um dos principais e mais tradicionais eventos da cidade de Belo Horizonte.

## **6.1 Pauta**

A partir do modelo de pauta (anexo I) proposto na obra *Formação em Jornalismo: da prospecção dos acontecimentos à edição* (LEAL, 2018), apresentamos, a seguir, o planejamento que guia nossa produção:

**Tema:** A influência do clássico Atlético e Cruzeiro na rotina do torcedor dentro da semana do jogo.

**Histórico e Resumo:** A rivalidade futebolística que existe na cidade de Belo Horizonte entre Atlético e Cruzeiro, movimenta cerca de quase dois milhões de torcedores, sendo pouco mais de um milhão atleticanos, e quase um milhão de cruzeirenses, dentro de uma cidade com uma população de pouco mais de dois milhões e meio de pessoas. Com isso, faz com que um jogo entre as duas equipes influencie o dia a dia de um torcedor, especialmente na semana que antecede o jogo. Na história do clássico, foram 507 partidas, com 204 vitórias para o Atlético, e 168 para o Cruzeiro, e 135 empates. Teve seu maior público no ano de 1969, em que 123.351 pessoas foram ao Mineirão assistir a vitória da equipe celeste por 1 a 0. Buscamos compreender quais elementos surgem de forma mais significativa na vivência do confronto, sobretudo no que diz respeito ao período de preparação para ele. Alguns desses elementos são ligados ao tipo de consumo, já que será mais frequente, para um torcedor, a procura por produtos que relacione com o que lhe interessa naquela semana. E essa demanda movimenta segmentos da cidade, como jornalismo, comércio, transporte e segurança pública.

**Proposta da matéria:** Retratar o que cria a atmosfera da partida para o torcedor, trazer a mudança na rotina para um produto rádio documental, mostrar o que ele faz, onde ele vai, o que ele consome para se manter atualizado na pauta principal de um torcedor fanático, e todos os hábitos e tradições que essas ações carregam.

**Perguntas:** O que muda numa semana que antecede ao clássico Atlético e Cruzeiro para um torcedor?

Em que aspectos o clássico interfere na dinâmica da cidade?

Como nasceu essa rivalidade?

Qual a diferença de uma partida qualquer e um jogo entre as duas equipes?

Quais são os hábitos tradicionais desses torcedores?

O que esses hábitos envolvem?

Quais os elementos que é envolvida pelos torcedores?

**Fontes:** Torcedores de Atlético e Cruzeiro (indivíduos com costume de frequentar as arquibancadas e participantes de torcidas organizadas);  
Comerciantes de produtos dos dois times, do ramo alimentício de bebidas;  
Jornalistas da cobertura esportiva;  
Órgão do Sistema de Segurança de Belo Horizonte;  
Pesquisador(a) do campo de ciências sociais, que tenham o futebol como objetivo de estudo.

**Recursos de linguagem:** O radiodocumentário terá no seu conteúdo entrevistas em áudio, captação de ambiência sonora, percurso sonoro, dramatização, trilha sonora, efeitos sonoros com o objetivo de ilustração. Todos esses elementos para trazer no produto final a proposta de tratar um confronto futebolístico fora das quatro linhas, envolvendo as ambientações e histórias que proporcionam a magnitude da partida ganhar sua proporção.

## 6.2 Roteiros

Os roteiros de cada episódio, construídos a partir da pesquisa orientada pelo desenvolvimento da pauta, estão disponíveis nos apêndices do memorial. Eles são estruturados a partir de três colunas: a primeira dedicada à parte técnica; a segunda, a textos de locução e transcrição de entrevistas; a terceira, à minutagem de áudios captados externamente.

## 7. RELATO DE PRODUÇÃO

O desenvolvimento do “Além do Jogo” envolveu um planejamento de calendário e custo para o meu deslocamento até a cidade de Belo Horizonte em dias de jogos entre Atlético e Cruzeiro, variando entre o estádio Mineirão e o Independência. Algumas das entrevistas foram pré-agendadas, mas a maioria foi de abordagem no local, o que trouxe dificuldades. Por se tratar de um ambiente com ânimos exaltados, envolvendo torcedores e ambiente de conflito, situações de constrangimento e aflição aconteceram, o que faz parte da produção jornalística independente. Entretanto, também houve interações amistosas com torcedores descontraídos e que se propuseram a contribuir com o meu trabalho.

É gratificante frequentar os ambientes de bastidores de partidas de futebol, porque mostra pontos negativos e positivos desse tipo de trabalho que, particularmente, é de grande gosto pessoal. Ir até os estádios como jornalista, sozinho, em meio a um enorme número de torcedores fez com que eu aprendesse o que fazer em determinados tipos de situações específicas, como grupo de torcedores descredibilizar o meu trabalho por não estar credenciado, ou me tratarem de maneira hostil por suspeita de eu ser um torcedor do time rival. Além disso, há outros tipos de aprendizado, como perceber como abordar os comerciantes que já estão no local trabalhando e não querem ser incomodados, ou manobrar a entrevista com um torcedor para que ele te dê o material que é necessário.

Uma situação inusitada no meio do processo de produção do “Além do Jogo” foi a pandemia do coronavírus, que limitou minhas idas a Belo Horizonte e fez com que eu tivesse que me desdobrar com as tecnologias para agendar e efetuar as entrevistas com outros profissionais, como de jornalismo, acadêmicos e Polícia Militar. Houve algumas dificuldades quanto à qualidade das captações e a fluidez das entrevistas, mas acredito que foi possível contornar a situação

Optei pela técnica de creditar os torcedores entrevistados no final de cada episódio a fim de dar maior fluidez à narrativa que estava sendo contada. Além disso, a função do torcedor entrevistado é de mostrar os sujeitos típicos do ambiente do futebol, com opiniões, visões e sentimentos que são frequentemente encontrados

nos arredores dos estádios. A individualidade de cada atleticano e cada cruzeirense pode ser identificada, pela voz, pelo sentimento expresso, mas, em alguns casos, essa dimensão só é formalizada ao final de cada episódio.

Trazendo uma outra questão dentro da perspectiva do entorno dos estádios, a captação de sons dos arredores do Mineirão e Independência foi fundamental. Até mesmo gravar uma passagem em um lugar com música, conversa e confraternização de uma multidão de torcedores faz com que meu produto se aproxime ao máximo dessa experiência. Além disso, para agregar a ambientação sonora, inclusive na angulação que a minha pauta designava, os cânticos das torcidas e as provocações também foram materiais relevantes. Eu me fiz presente em todas as posições para ter o melhor material possível, mas dentro dos limites de segurança. Sendo assim, o som é bem próximo ao meu gravador, mas com um determinado limite de clareza, pois ainda se trata de muitos torcedores gritando ao mesmo tempo.

Poder conversar com os jornalistas esportivos de grandes veículos também foi uma experiência que me agregou muito. Ouvir quem atua profissionalmente no ramo que é de meu interesse me trouxe diversas perspectivas sobre o jornalismo esportivo. Além disso, elaborar um produto que é altamente ligado à área que mais me identifiquei durante a faculdade me trouxe muita felicidade. Tenho a percepção que, mesmo com as adversidades, esse tinha que ser meu último trabalho de graduação no curso, para coroar essa relação de aprendizado e crescimento com o jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto.

Quanto à locução e edição, com a colaboração do meu orientador, Carlos Jáuregui, tive um crescimento significativo nos processos de gravação, experimentação e equalização do som. É uma experiência muito positiva, porque expandiu meu conhecimento no trabalho com áudio nos meus outros projetos independentes, elevando-os para um patamar maior de qualidade. Como tive que gravar em casa, as adequações para montar um ambiente propício para uma boa gravação de voz acarretaram um processo divertido e inovador. Acredito que, dentro

das minhas possibilidades, aprender um pouco mais sobre as frequências sonoras, roteiro e interpretação fez com que eu enxergasse de maneira mais consciente o próprio ato de fazer a locução.

## **8. Considerações finais**

O “Além do Jogo” é um trabalho que materializa a ideia muito presente no meio do jornalismo esportivo que é “não é só futebol”. A série documental traz as histórias de vida, a influência do futebol além das quatro linhas, com a participação de comerciantes, profissionais da segurança pública e diversos cidadãos. Histórico de resultados, grandes jogadores, casos inusitados e afins são elementos que estão frequentemente sendo analisados, porém há muito mais no futebol mineiro a ser explorado: a identidade do esporte também passa pela voz de ambulantes, cozinheiros e etc.

E ainda sobre a visão externa em torno do clássico: é relevante dar voz aos próprios torcedores para externalizarem o seu sentimento perante o rival, falar sobre seu próprio comportamento, sua rotina e sobre suas particularidades. É uma amostra diferente do que apenas perguntar qual será o placar ou algo do tipo. Falar de futebol está além das quatro linhas, é algo a mais do que um comentarista sabe, é sobre comportamento, sociedade, diversidade e rotina das pessoas. Essa produção é uma forma jornalística diferente de cobrir um confronto entre os dois maiores clubes do estado.

Produzir um trabalho como esse mostrou a mim mesmo como é passar por cada processo de produção, desde planejamento e viabilização até a relação com as pessoas em um ambiente de enorme aglomeração, desempenho profissional e ter a capacidade de organização do material para construir a narrativa desejada. O maior ganho como estudante dessa experiência foi vivenciar a profissão de uma maneira prática, da forma que ela é, com seus ônus e bônus.

A realidade é que para um estudante sem experiência como eu, entender que a prática se difere muito da teoria quando se vai a campo é difícil. Com isso, alguns

receios foram inevitáveis, o que causou algumas deficiências nas captações. Entender que a pauta e a abordagem vai se modificando ao longo das entrevistas é algo um tanto quanto desconfortante, mas a forma como é necessário superar isso é que agrega à formação e acredito que isso foi refletido no produto. Quanto às técnicas de roteirização e edição, aprendidas ao longo do curso, entrou em concordância junto à prática, isso porque traçar o teor factual e de identidade editorial de uma produção em formato de podcast exige recursos sonoros específicos.

Portanto, com tamanho crescimento como estudante e profissional, aperfeiçoamento técnico de jornalismo e de editor, tenho em mente que, como também foi um tipo de mídia no qual me identifiquei assim que conheci durante o curso. Será algo que continuarei trabalhando, envolvendo o futebol mineiro ou outras abordagens, sendo projetos particulares independentes ou não, darei continuidade a esse tipo de produção. Caso seja adequado, farei uma segunda temporada do “Além do Jogo”, mas por hora me sinto gratificado com o produto que criei desde a pré-produção, apuração, até as entrevistas, roteirização e edição. Mais uma vez, reforço a gratificação ao professor Carlos Jáuregui, que agregou conhecimento técnico e auxiliou a tratar com naturalidade as adversidades que ocasionalmente aconteceram. Meu afeto pelo jornalismo esportivo continua e, principalmente, pelo ambiente radiofônico, que é minha maior fonte de prazer na profissão, sendo assim, tenho a pretensão de seguir produzindo conteúdo e desenvolvendo olhares jornalísticos em angulações não tão repercutidas.

## Referências

**Belo Horizonte - MG;** IBGE. Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/belohorizonte.pdf>>.

Acessado em: 02 de julho de 2019.

DAMATTA, Roberto. **Antropologia do óbvio**: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. 1º ed. Niterói: Revista USP. 1994.

DAMO, Arlei Slander. **Futebol e Estética**. São Paulo Perspec. vol.15. 2001

D'Andrea, Carlos. "Instrumento de ação jornalística - Processos de planejamento". In: Bruno Souza Leal. (Org.). **Formação em Jornalismo: da prospecção dos acontecimentos à edição**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2018.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A Dança dos Deuses**: Futebol, Sociedade, Cultura. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

FERRARETTO, Luiz. **Rádio**: Teoria e Prática. 1º ed. Rio Grande do Sul: Summus. 2013.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais**: Mediações e Interações Radiofônicas em Plataformas de Comunicação. 1ª ed. Rio de Janeiro, Mauad X, 2016.

PRATA, Nair. **WEBRADIO**: Novos gêneros, novas formas de interação. 1º ed. Florianópolis. Insular. 2009.

FRANCO, D. Podcast. In: SPYER, J. (Org). Para entender a internet: noções, práticas e desafios da comunicação em rede. São Paulo, Ebook, 2009.

SANTIAGO, José Renato. UNT, Marcelo. **Clássicos do Futebol Brasileiro**. São Paulo. 2014

SIMÕES, Alexandre. **1956: a história de um título dividido entre Atlético e Cruzeiro na Era Independência**. Hoje em Dia, Belo Horizonte, 1 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/esportes/1956-a-hist%C3%B3ria-de-um-t%C3%ADtulo-dividido-entre-atl%C3%A9tico-e-cruzeiro-na-era-independ%C3%Aancia-1.610148>. Acesso em: 8 de abril de 2020.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: O Futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.



## ANEXO 1

### MODELO DE PAUTA

**Tema:** Faça um enunciado caracterizando o objeto a ser tratado jornalisticamente (a morte do candidato X; situação do trânsito em BH; a violência policial, a “arquitetura” das favelas, descoberta de vacina contra asma; discriminação racial na UFMG, evasão escolar na Universidade; condições de saneamento dos novos bairros da capital, percurso dos estudantes universitários até a escola, taxas atuais de divórcio etc.) É uma formulação de natureza mais geral, que apenas indica o assunto da matéria/reportagem.

**Histórico e Resumo:** Contexto que indica a relevância ou pertinência noticiosa da informação a ser apurada. Descreva de maneira sucinta o objetivo da matéria para orientar minimamente o repórter (questões mais gerais que estão em jogo nessa matéria, perspectivas acerca do assunto, sua importância, o porquê de fazê-la neste momento etc.). Aqui é importante delinear qual o ângulo, a abordagem que se pretende privilegiar. Imagine que é com base nessas informações que o repórter formula as primeiras interrogações acerca do assunto. Por isso, o resumo pode destacar dados já disponíveis e que motivam a matéria, declarações que provocaram polêmica, situações que chamam a atenção/curiosidade, acontecimentos importantes associados ao tema. É o quadro mais geral que situa a matéria proposta.

**Proposta da matéria:** Diante do quadro anterior, como se situa a matéria proposta, qual a originalidade da abordagem/enquadramento, o que a especifica em termos de resultado final.

**Perguntas:** Formular, de maneira clara e direta, as perguntas mais significativas que o repórter deverá responder com a matéria. Faça pelo menos dez questões. Esteja atento para o fato de que tais questões não são necessariamente aquelas que o repórter fará a cada fonte de informação, mas

são as perguntas fundamentais às quais a reportagem pretende oferecer respostas. São essas questões que estabelecem relações, buscam associar situações, fatos, ideias, indicam visões acerca do assunto. Por exemplo, se a matéria trata da “arquitetura” das favelas de BH, uma questão chave seria “é possível identificar alguma referência nessas construções à arquitetura tradicional?”. Uma questão como esta vai se desdobrar em um sem número de perguntas do repórter às diferentes fontes: “se há, quais as referências? Como elas “chegam” aos construtores da favela? É possível falar em diferentes estilos? Como levar isso em conta em processos de reurbanização desses espaços? etc.”.

**Fontes:** Devem ser indicadas pessoas/instituições de acordo com as perguntas, levando-se em consideração aspectos tais como competência para tratar do assunto, relação direta com o tema tratado, inserção na realidade objeto da reportagem. É importante, considerando o objeto da matéria, buscar uma diversidade de fontes de informação. Se possível, já indique formas de contato. (email-telefone). Também devem ser indicadas fontes documentais (sites, relatórios etc.) que serão consultados para a produção da reportagem.

**Recursos de linguagem:** Indicação dos elementos expressivos para constituição da estrutura narrativa da matéria (texto verbal, áudio, fotografia, ilustrações, arquivos de texto, sites, vídeos etc.) Pensar a relação entre eles.

Este modelo de pauta é proposto no livro *Formação em Jornalismo: da prospecção dos acontecimentos à edição* (LEAL, 2018)

## Apêndice I: Roteiros e sinopses

### Episódio 1: A rivalidade

Sinopse para tocador de podcast:

A capital de Minas Gerais concentra uma polarização futebolística de torcedores dos dois maiores clubes do estado. No primeiro episódio da série, profissionais de diversas áreas mostram a importância da rivalidade no cenário nacional e como isso impacta nos costumes diários de Belo Horizonte. A relevância de um clássico entre Atlético e Cruzeiro está além das quatro linhas, influenciando a vida de diversas pessoas antes mesmo de a partida acontecer.

Roteiro:

TEC	Locuções e transcrições	Tempo
	<b>LOC:</b> BELO HORIZONTE / CAPITAL DE MINAS GERAIS / UMA CIDADE REPLETA DE PONTOS TURÍSTICOS / CENTROS COMERCIAIS E MUITO URBANIZADA // COM MAIS DE <b>DOIS MILHÕES E QUINHENTOS MIL HABITANTES</b> / A RIVALIDADE ESPORTIVA ENTRE OS DOIS MAIORES CLUBES DO ESTADO FAZ A CABEÇA DE 80% DESSA POPULAÇÃO / SEGUNDO DADOS DO IBGE, / ESSA É A PROPORÇÃO DE TORCEDORES DE ATLÉTICO E CRUZEIRO NA CIDADE //	
<b>EFEITO SONORO</b>  SOM DAS TORCIDAS	SOM DAS TORCIDAS	
<b>LOC</b>	ESSA RIVALIDADE ATRAVESSA DÉCADAS NA CIDADE DE BELO HORIZONTE E JÁ SE TORNOU UMA TRADIÇÃO, / ALGO FOLCLÓRICO / OU MESMO UM ATRATIVO ESPECIAL DE BH // ATLÉTICO E CRUZEIRO É O CONFRONTO QUE MAIS DESPERTA A EMOÇÃO	

	<p>BELO-HORIZONTINA, / FAZENDO COM QUE SEUS TORCEDORES VIVAM A EMOÇÃO DA PARTIDA ANTES MESMO DE ELA ACONTECER.</p> <p>// EU SOU RÔMULO SOARES E FALAREMOS SOBRE “<b>A SEMANA DO CLÁSSICO</b>” NO PRIMEIRO EPISÓDIO DA SÉRIE DOCUMENTAL “ALÉM DO JOGO”. //</p>	
<b>TEC</b>	Música de abertura	
<p><b>SON</b> Édson Santos - torcedor do Cruzeiro (visitante)</p> <p><b>SON</b> Torcedor do Cruzeiro Arquivo Z0000004</p> <p><b>SON</b> Nisseu Gonçalves - Torcida organizada do Atlético Arquivo 190914_003</p>	<p>“Eu acho que o clima muda totalmente. Eu, por exemplo, estou desde sexta-feira vivendo nesse clássico. Então não dá para você ficar falando “poxa, o jogo é amanhã, mas eu estou tranquilo”, não está. Não fica tranquilo, não tem como ficar.</p> <p>Cara, o clássico começa uma semana antes. Eu, na segunda-feira, durante a semana do clássico, eu nem durmo mais. Aí eu sempre acompanho quem vai jogar, quem não vai jogar, quem está no departamento médico que possa entrar, quem não pode. Então o clássico começa bem antes né, não dorme, fica naquela angústia, tenso até a hora do jogo, da bola rolar.</p> <p>Na semana de clássico é diferente, você não trabalha pensando no trabalho, você pensa é no Atlético e Cruzeiro. E parece que sobe um negócio no seu corpo, alguma coisa diferente, que você, sei lá, é uma mistura de revolta com paixão, loucura e insanidade, é uma coisa muito doida.</p>	<p><b>1’09 - 1’20</b></p> <p><b>1’13 - 1’39</b></p> <p><b>1’04 - 1’28</b></p>
<b>LOC</b>	ESSES FORAM TORCEDORES/ MAS EU	

	TAMBÉM CONVERSEI COM DOIS PROFISSIONAIS DO JORNALISMO ESPORTIVO / SAMUEL VENÂNCIO / DA RÁDIO ITATIAIA / E FAEL LIMA / DA TV ALTEROSA // ELES FALARAM SOBRE ESSA ESSA SEMANA ATÍPICA //	
<b>SON</b> Samuel Venâncio - Rádio Itatiaia 02:46 - 04:55	Quando me pedem para falar sobre o clássico, eu utilizo uma frase do nosso diretor-presidente da rádio Itatiaia, Emanuel Carneiro, o clássico Cruzeiro x Atlético, Atlético x Cruzeiro, começa uma semana antes e termina uma semana depois. Claro que com o calendário de hoje né, às vezes uma equipe joga na quarta-feira antes e na quarta-feira seguinte, mas quando tem a semana cheia, sem jogo no meio de semana, quando joga num domingo e no outro domingo é o clássico, é a semana inteira. Isso envolve torcedor, rede social, o comércio, a Federação Mineira de Futebol, que é onde acontecem as reuniões, mesmo sendo jogo de Campeonato Brasileiro, os dirigentes, que a gente não pode esquecer, às vezes pelo lado bom, às vezes pelo lado ruim, com troca de farpas, enfim. Mas é um jogo que é difícil explicar com palavras, mexe com as emoções de todos, então é uma mobilização geral. É uma cobertura diferente, as escalas da rádio são alteradas, a programação ganha mais tempo, o jeito de se fazer uma cobertura em um clássico é muito diferente em relação aos outros jogos. Não que deixamos de lado os jogos que não são clássico, mas é que um clássico, por tudo que ele representa e por tudo que ele movimenta, a cobertura ganha contornos inimagináveis.	
<b>INSERÇÃO DO LOCUTOR</b>	VOCÊ ACABOU DE OUVIR O SAMUEL VENÂNCIO / DA RÁDIO ITATIAIA / E EM SEGUIDA QUEM FALA É FAEL LIMA DA TV ALTEROSA //	
<b>SON</b> Fael Lima - TV Alterosa 03:43 - 04:25	Para usar de comparação eu vou citar a Copa Libertadores. Ontem eu estava assistindo um jogo do Internacional pela Copa Libertadores com um amigo aqui e eu falei com ele: “a Libertadores é fantástica porque você chega no estádio, seu coração está batendo em um ritmo diferente, seu corpo está diferente, parece que tem uma aura	

06:38 - 07:59	<p>diferente, é tudo diferente. E o clássico é por aí, você acorda e olha quantos dias que faltam, aí tem aquela movimentação por ingresso para quem vai no jogo, tem movimentação para você começar a observar o adversário, observa o lado de cá e vê que voltou fulano, beltrano tá fora.</p> <p>Nos últimos clássicos, por exemplo, eu corri atrás para saber como estava a iluminação do Mineirinho. Todo mundo estava com foco no gramado do Mineirão e eu corri atrás e pedi, através do meu programa de televisão, que houvesse uma melhora na iluminação do Mineirinho. Também já pesquisei questões sobre transporte, solicitando melhorias no transporte, porque acabava o jogo e não tinha transporte para o torcedor naquele horário. Se tinha o jogo, por que que não tinha o transporte naquele horário? Então, fatores que vão muito além das quatro linhas do gramado que a gente tem que estar ligado. Reunião da Polícia Militar, o que a polícia militar falou na reunião que define a logística do clássico. Então é transporte, é segurança, a parte de iluminação dos pontos de acesso da torcida visitante no estádio.</p>	
<b>LOC</b>	<p>CLARO QUE UM CLÁSSICO DE FUTEBOL REMETE AO UM CLIMA FESTIVO, POIS SE TRATA SIM DE UM EVENTO CULTURAL TRADICIONAL DA CIDADE. // PORÉM, / UMA RIVALIDADE DE DÉCADAS, / ENVOLVENDO UM NÚMERO ENORME DE TORCEDORES, / NÃO É UM AMBIENTE SÓ DE ALEGRIA. // RIVALIDADE ENVOLVE CONFLITO, / E CONFLITO REMETE À SENTIMENTOS. // EU FUI AO ESTÁDIO PARA CONVERSAR COM TORCEDORES E ENTENDER MELHOR O TEOR DESSE SENTIMENTO //</p>	
<b>SON</b> Felipe Maciel - torcida organizada do Atlético	<p>Qual é o seu sentimento quanto ao time rival? Quanto ao time rival? Não gosto. Para mim, que acabe.</p>	<b>1'00 - 1'08</b>

<p>Arquivo 190414_009</p> <p>Daniele Cristina - torcida organizada do Atlético Arquivo 190914_007</p> <p>INSERÇÃO DO LOCUTOR:</p> <p>Alexandre Nunes - torcedor do Cruzeiro Arquivo Z0000002</p> <p>INSERÇÃO DO LOCUTOR</p> <p>Torcedor do Cruzeiro Bêbado Arquivo Z0000005</p>	<p>Quero que morra, acabe, que vá a falência, que feche.</p> <p>TAMBÉM HÁ TORCEDORES QUE PARECEM NÃO SE IMPORTAR</p> <p>É insignificante, cara. O Atlético é insignificante para a gente.</p> <p>JÁ OUTROS, COMO VOCÊ PODE PERCEBER, QUE JÁ TOMOU ALGUMAS E ACABAM RASGANDO ELOGIOS AO RIVAL</p> <p>Mas é um clube grandiosíssimo, um clube que tem vitórias importantes, história importante no futebol brasileiro e, sem dúvida, é um dos maiores e grandes adversários do Cruzeiro.</p>	<p>00'00 - 00'08</p> <p>1'11 - 1'16</p> <p>1'10 - 1'24</p>
<p><b>LOC</b></p>	<p>PARA TENTAR EXPLICAR ESSA RIVALIDADE COM OLHAR CIENTÍFICO / CONVIDEI O PROFESSOR DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS/ GEORGINO NETO. ELE É ESPECIALISTA EM PSICOPEDAGOGIA, MESTRE EM LAZER E CURSA DOUTORADO EM LAZER PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS // NA UFMG, ELE INTEGRA O GRUPO DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL O</p>	

	GEFUT //	
<b>SON</b> Georgino Neto - Especialista	Eu acho que esse aspecto de guerra simbólica está no futebol de uma maneira geral, e ela se acentua nessas rivalidades polarizadas, principalmente em lugares onde são dois clubes apenas. Então, diferentemente do que você tem em São Paulo, Rio de Janeiro, que você tem mais de dois clubes rivalizando o protagonismo, Porto Alegre, Belo Horizonte têm esse sentimento do estado se dividir em duas cores e aí toda essa noção de confronto, beirando a beligerância, o futebol constrói algo muito próximo a isso. Existe uma disputa simbólica de poder e de força situado ali naquele espaço, não só do jogo apenas, mesmo antes e depois, enfim, você vai alimentando esse sentimento belicoso, como se fosse mesmo uma disputa uma guerra, no caso simbólica, mas que acaba por vezes indo para o campo concreto, por exemplo, qual time tem maior torcida, maior sócio torcedor, ou seja, você vai materializando essa disputa de poder em várias perspectivas, a disputa no campo é apenas uma delas, é o máximo delas. É ganhar do rival, é matar o rival, enfim.	<b>21'10</b> <b>23'03</b> -
<b>LOC</b>	FAEL LIMA EXPLICA QUE ESSA RIVALIDADE MUDA DE ACORDO COM O LUGAR / COMPARANDO A CAPITAL MINEIRA COM TERRITÓRIOS EM DISPUTA //	
<b>SON</b> Fael Lima - TV Alterosa	O curioso que a rivalidade entre Atlético e Cruzeiro muda de acordo com a geografia. Eu cresci no interior, me assustei um pouco quando mudei para BH e comecei a ver um pouco da rivalidade aqui no foco do incêndio, onde acontecem os jogos. Eu sou filho de um cruzeirense, meu pai começou a torcer para o Cruzeiro na década de 60 e eu cresci em uma casa com um cruzeirense provocando, sendo provocado, dentro de uma rivalidade que é bem diferente e bem mais light que na capital. Nos bares do interior, atleticano e cruzeirense assistem os jogos juntos, e tem aquela zoeira provocando fulano e tal, é uma rivalidade mais de sorrisos e lágrimas e raiva, aqui na capital é mais de trincar os dentes do torcedor. É uma rivalidade mais intensa, quase uma faixa de gaza, de dividir a cidade em dois lados no	<b>37'23</b> <b>39'33</b> -



	clássico. A gente desfilou com o Dadá Maravilha e o Euller lá em Formiga num carro de bombeiros e os atleticanos iam lá provocar os cruzeirenses e tal, se for fazer isso aqui em BH é perigoso o cara pipocar seu carro com tiro.	
<b>INSERÇÃO DO LOCUTOR</b>	<b>SAMUEL TAMBÉM TRAZ SUAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CLÁSSICO</b>	
<b>SON</b> Samuel Venâncio	<p>Eu caracterizo como uma das maiores do Brasil, eu acho que temos outras grandes rivalidades também, mas essa que Atlético e Cruzeiro vivem, eu classifico como uma das maiores do Brasil, do azul não entrar lá no Atlético, o preto e branco não entrar no Cruzeiro, é apenas um dos vários aspectos que tem esse clássico. A maioria das vezes eu acho que é uma rivalidade sadia, as vezes extrapola e aí vai pra briga, contatos de torcidas organizadas, mas isso diminuiu nos últimos anos, e é uma rivalidade que, dependendo do momento vai acirrar os ânimos, em outros vai ser essa rivalidade sadia, como eu disse. Mas repito, é uma das maiores do Brasil, se não for a maior, está no top dez pelo o menos de grandes rivalidades.</p> <p>Claro que tem outras torcidas na cidade, mas a maioria é de cruzeirense e é de atleticano. Então aí começa né, quando a pessoa vai comprar o pão, na hora em que o outro encontra o porteiro, então isso vai mexendo de todas as formas com esse grande jogo.</p>	<p><b>24'00</b> - <b>25'06</b></p> <p><b>22'30</b> - <b>22'56</b></p>
<b>EFEITO SONORO</b>	Trilha de encerramento para BG	
<b>LOC 5</b>	<p>NA CONTINUAÇÃO DA SÉRIE ALÉM DO JOGO / VAMOS ABORDAR QUEM UTILIZA DO CLÁSSICO ENTRE ATLÉTICO E CRUZEIRO PARA TIRAR SEU SUSTENTO // VAMOS CONTAR COMO O FUTEBOL É VIVIDO NA VISÃO DAQUELES QUE TRABALHAM COM ELE / OS QUE ESTÃO NO ENTORNO DO ESTÁDIO PROPORCIONANDO AOS TORCEDORES O SEU TRADICIONAL RITUAL PRÉ E PÓS JOGO // EU / RÔMULO SOARES / ESPERO VOCÊ NO SEGUNDO EPISÓDIO DO ALÉM DO JOGO / ATÉ LÁ //</p>	
<b>EFEITO</b>	ENCERRAMENTO	

<b>SONORO</b>		
<b>PÓS-CRÉDITO</b>	<p>PARA A REALIZAÇÃO DESTE EPISÓDIO, /  FORAM ENTREVISTADOS ÉDSON SANTOS /  ALEXANDRE NUNES E OUTROS DOIS  TORCEDORES CRUZEIRENSES NÃO  IDENTIFICADOS // NISSEU GONÇALVES /  DANIELE CRISTINA E FELIPE MACIEL DA  TORCIDA ORGANIZADA MOVIMENTO 105 DO  ATLÉTICO // OS JORNALISTAS SAMUEL  VENÂNCIO DA ITATIAIA / FAEL LIMA DA TV  ALTEROSA E O PROFESSOR DA  UNIVERSIDADE FEDERAL DE MONTES CLAROS  E PESQUISADOR DO GEFUT DA UNIVERSIDADE  FEDERAL DE MINAS GERAIS / GEORGINO NETO  //</p> <p>ESTA SÉRIE DOCUMENTAL EM FORMATO DE  PODCAST É UM TRABALHO DE CONCLUSÃO  DO CURSO DE JORNALISMO DA  UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. //  PRODUÇÃO / REPORTAGEM / APRESENTAÇÃO  E EDIÇÃO DE RÔMULO SOARES COM  ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR CARLOS  JÁUREGUI //</p>	

### Episódio 2: O Ritual

Sinopse para tocador de podcast:

Dentro dos comentários mais comuns entre os fãs de futebol, fala-se que existem alguns elementos característicos para tornar a experiência de ir a um estádio completa. Ali está uma das raízes do mineiro que vive na capital. E também há pessoas que trabalham fornecendo ao torcedor esse ritual: os comerciantes. No segundo episódio da série, esses trabalhadores contam como é a experiência de

atuar profissionalmente em um clássico, desde sua preparação até a execução, para que os torcedores tenham os seus rituais pré e pós-jogo.

Roteiro:

TEC	Locuções e transcrições	Tempo
<b>EFEITO SONORO</b>	Vinheta de abertura	
	<p><b>LOC:</b> VOLTAMOS PARA O SEGUNDO EPISÓDIO DA SÉRIE “ALÉM DO JOGO” // EU SOU RÔMULO SOARES / APRESENTO ESSA SÉRIE DOCUMENTAL EM FORMATO DE PODCAST SOBRE O CLÁSSICO MINEIRO // NO PRIMEIRO EPISÓDIO FOI ABORDADA A RIVALIDADE ENTRE OS DOIS MAIORES CLUBES DE MINAS / JUNTO DE TODA PAIXÃO ENVOLVIDA NO CONFRONTO // MAS COMO SÃO ESSES EVENTOS? QUEM PROPICIA ESSA TRADIÇÃO? QUAIS SÃO OS RITUAIS PRESENTES NO CLÁSSICO ENTRE ATLÉTICO E CRUZEIRO? SÃO ESSES ASSUNTOS QUE VAMOS ABORDAR NESTE EPISÓDIO / ALÉM DE MOSTRAR PESSOAS QUE TRABALHAM NOS DIAS DO DERBY //</p>	
<b>PASSAGEM</b>	<p>Quando você chega nos arredores do Mineirão, você tem várias características do futebol mineiro, que é o tropeiro, o chopp artesanal, muito churrasquinho, a música. É um domingo atípico, é um domingo diferente. Você chega cedo ao estádio e começa a se preparar, se aquecer para a partida. A expectativa sempre é grande, o torcedor esperou a partida a semana inteira, então ele quer chegar ao Mineirão o mais rápido possível. Ele quer ficar preparado para o jogo e é isso que ele está fazendo. Todo mundo chega o quanto antes para criar toda a atmosfera do clássico.</p>	<b>0’51 - 1’50</b>
<p><b>SON</b></p> <p>Torcedor do Cruzeiro Arquivo Z0000004</p> <p><b>INSERÇÃO DO LOCUTOR</b></p> <p>Felipe - torcedor</p>	<p>Ô cara, é que toda vez que a gente vem, toma aquela cervejinha, aquele tropeiro. Então a gente faz um antes do clássico e um pós também.</p> <p>AQUI SÃO FALAS DE DOIS TORCEDORES, / O PRIMEIRO FOI DO CRUZEIRO E O PRÓXIMO É DO ATLÉTICO / O ASSUNTO É O RITUAL DO PRÉ-JOGO. //</p> <p>Vir para o estádio não é só o futebol em si né. É ver amigos, fazer amizades, e em clássicos você tem aquela sensação de</p>	<p><b>0’4 - 0’14</b></p> <p><b>6’56 - 7’07</b> <b>7’36 - 7’46</b></p>

<p>(arquivo Maria Luísa da Costa)</p>	<p>não poder ver perder para o seu adversário né, sempre ganhar. Eu não tenho superstição, mas se vier no estádio, eu tenho que ir ao bar, se não, não vinha no estádio. Aí daqui a pouco chega os amigos e a gente conversa e tudo e isso é importante.</p> <p>ATÉ AQUI EU ESTAVA NOS ARREDORES DO MINEIRÃO / O GIGANTE DA PAMPULHA / AGORA VOU FALAR COM OS COMERCIANTES DOS ARREDORES DA ARENA INDEPENDÊNCIA/ ESTÁDIO QUE FICA NO BAIRRO DO HORTO EM BELO HORIZONTE //</p>	
<p><b>SON</b> Diego Almeida Vieira - comerciante Arena do Espeto</p> <p><b>INSERÇÃO DO LOCUTOR</b></p> <p>Hadson Luiz Siqueira - comerciante</p> <p>Marcelo Moraes - comerciante</p>	<p>- Como funciona aqui em dia de jogo? Aqui na Arena do Espeto é mais conhecido né? A torcida faz a concentração aqui a partir de que horas? A partir das 16h já vai ficando cheio. E vocês costumam arrumar aqui que horas, mais ou menos? Nós começamos 11 horas da manhã. E vai até que horas? Até uma hora da manhã.</p> <p>MAS PARA ALGUMAS PESSOAS / A PREPARAÇÃO COMEÇA DIAS ANTES / TALVEZ ATÉ A SEMANA TODA. // É O CASO DOS COMERCIANTES HADSON SIQUEIRA, / MARCELO MORAES E MARCOS AURÉLIO. //</p> <p>- Quanto tempo tem que você trabalha aqui? Cinco anos. Você torce para algum time? A gente que mexe com o comércio não temos um time. Então, em momentos assim, a gente deixa o fanatismo de lado. E como é o funcionamento aqui? Vocês chegam que horas para os preparativos?</p> <p>- No meu caso, como nós temos o local locado, a preparação é a semana toda na nossa residência. Então é a semana toda preparando para atender os clientes bem, com a cerveja gelada, tudo no jeito que os clientes merecem. E nos dias dos jogos nós chegamos aqui cedo, para a gente estar preparando para quando começar o espetáculo da torcida estar tudo em ordem.</p> <p>- Decidimos arriscar esse ponto aqui justamente por causa disso. Por causa do movimento que a gente tem no final de semana e em dia de jogo. E para o clássico, a expectativa é lá no talo.</p> <p>- E aí vocês costumam a arrumar as coisas nesse horário entre 14h e 15h? Não, nós começamos a arrumar foi ontem a noite. 45 caixas de cerveja para por para gelar, comida... Tropeiro, macarrão, espetinho...</p>	<p><b>0'10 - 0'34</b></p> <p><b>0'05 - 0'10</b> <b>0'42 - 1'19</b></p> <p><b>0'04 - 1'02</b></p>

<p>Marcos Aurélio Gonzaga - comerciante</p>	<p>- E aí vai até começar o jogo? Aqui hoje é até acabar. O pessoal sobe para o jogo, nós espalhamos as mesas de novo para o pessoal que está passando aqui querendo sentar e assistir com a gente. E minha expectativa é até acabar o meu estoque.</p> <p>- Quando é um jogo entre Atlético e Goiás, você até que não espera alguma coisa né? Mas e quando é Atlético e Cruzeiro, você já acorda pensando “hoje eu vou trabalhar demais”? Ah, isso é três ou quatro dias antes, sô. Eu não durmo, me dá herpes nervosa... porque eu tenho as minhas dívidas, pô. Então eu me preocupo. Eu mexo com serralheria também, mas é a parte, sabe? Então eu fico muito preocupado com isso aqui, fazer a coisa sem reclamação, sem defeito. Mas eu tenho minha freguesia fiel aqui, que adora meu churrasco, sabe?</p>	<p><b>11'38 - 12'18</b></p>
	<p><b>LOC:</b> ALÉM DOS COMÉRCIOS FIXOS NOS ARREDORES DO ESTÁDIO / HÁ AQUELE QUE TRABALHA DE FORMA MAIS AUTÔNOMA // SÃO OS AMBULANTES // MUITOS DELES EVITAM FALAR COM A IMPRENSA / MAS EU ENCONTREI COM UM PERTO DO MINEIRÃO / QUE É UMA FIGURA / SE VESTIA COM UMA ROUPA DE MILITAR DO PALÁCIO DO PLANALTO / VENDENDO BALAS / CHICLETES E CIGARROS E COM UMA HISTÓRIA PARA LÁ DE CURIOSA // ESCUTA SÓ //</p>	
<p><b>SON</b> Juvenal Verz</p>	<p>- Aqui, eu sou jornalista, me dá uma palavrinha? Qual o nome do senhor?</p> <p>- Meu nome é Juvenal Verz. Eu sou mineiro de coração, por isso sou atleticano, cruzeirense e americano. Eu vendo no Mineirão quando é dia de Mineirão e vendo no Independência quando é dia de Independência. Esse trabalho de comércio, eu tenho 12 anos na rua. Não é a minha profissão, mas eu sobrevivo disso. Eu tenho uma história interessantíssima. As divisas aqui do meu ombro e a nota de 10 reais foram plagiadas de um trabalho meu e eu tenho um livro chamado “Vislumbre da Elegância” e esse livro foi plagiado, assim como um desenho que está dentro dele, inclusive para os festejos da Copa do Mundo. Inclusive, eu tenho um processo contra a FIFA e a Globo no Fórum Lafayette. Já tem dois anos o processo, até hoje a minha história não foi parar na mídia e eu não sei o porque, em 2003 eu fiz uma manifestação no Palácio do Planalto, porque na época eu denunciei o plágio da nota de 10 reais.</p>	<p><b>1'08 - 3'52</b></p>

	<p>- Você é daqui?</p> <p>-Sou mineiro, nasci na Serra dos Aymorés, perto da Bahia. Eu trabalho na noite, na frente das boates, em mega eventos, e sempre trabalhei no Independência e no Mineirão.</p>	
	<p><b>LOC 3:</b> EM CONTATO COM O FÓRUM LAFAYETTE, A ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DIZ DESCONHECER O PROCESSO EM QUESTÃO // MAS A HISTÓRIA É INTERESSANTE / VALEU A PENA FALAR COM O SEU JUVENAL //</p>	
<b>EFEITO SONORO</b>	SOM AMBIENTE DA ÁREA COMERCIAL NO ENTORNO DO ESTÁDIO	
	<p><b>LOC:</b> O CLÁSSICO É VISTO COMO UM ATRATIVO PARA OS COMERCIANTES / UMA OPORTUNIDADE PARA VENDER, TER MAIS LUCRO // POR MUITAS VEZES VOCÊ ESCUTA QUE UM CONFRONTO ENTRE ATLÉTICO E CRUZEIRO É ALGO ESPECIAL / E É MESMO / NÃO SÓ PARA QUEM TORCE / MAS PARA QUEM TRABALHA //</p>	
<b>SON</b>		<b>1'27 - 1'46</b>
Hadson Luiz - comerciante	Sim, é especial né cara, porque o clássico envolve várias coisas. Envolve a emoção do torcedor, o calor do jogo em si, e para nós que somos comerciantes, o público aumenta sim e o movimento dobra sim.	
Juvenal Verz - Ambulante	O clássico dá mais renda para todo comerciante, porque vem um maior número de gente e o pessoal é mais motivado emocionalmente e aí torce, bebe, canta, compra, inclusive bandeira, chapéu, camisa, compra tudo, então é mais rentável.	<b>5'32 - 5'51</b>
	<p><b>LOC:</b> ENTRETANTO / TRABALHAR EM UM DIA DE CLÁSSICO NÃO É UM MAR DE MARAVILHAS // A TENSÃO PARECE ALGO INERENTE AO ENTORNO DO ESTÁDIO E ESSES PROFISSIONAIS PRECISAM EXERCER SUAS FUNÇÕES / MESMO COM UMA ATMOSFERA DE CONFLITO //</p>	
<b>SON</b>		<b>0'06 - 0'32</b>
Darli Gabriela Souza - comerciante	- Quanto tempo tem que vocês vêm aqui? Deve ter uns três anos. E é muito movimentado? Há algum problema por você ser mulher? Não, é tranquilo.	<b>0'49 - 0'56</b>

<p><b>INSERÇÃO DO LOCUTOR</b></p> <p>Maria Luisa da Costa Santos - comerciante</p> <p>Hadson Luiz - comerciante</p> <p>Marcos Aurélio - comerciante</p>	<p>- E em dia de clássico Atlético e Cruzeiro? - É... aí... (risadas). É diferente, como é clássico, a gente fica naquela tensão, se vai ter briga, se vai ter confusão, muvuca.</p> <p>ESSA FOI A COMERCIANTE DARLI SOUZA E AGORA QUEM VAI FALAR É A MARIA LUISA</p> <p>- Fica mais tenso, igual aqui, inclusive, onde eu estou, quando o ônibus entrar aqui, daqui a pouco eles isolam tudo, aí fica uma coisa mais tensa. Lógico, no último clássico a gente levou spray de pimenta no olho, porque tinha deixado o público ficar aqui, mas na última hora tentaram evacuar a área. Porque não tem como entrar e sair daqui, uma ambulância, aí é complicado. Meu filho já foi barrado de vir aqui no meu bar. Saiu, foi fazer uma compra e para voltar não podia, a polícia disse que ele não podia subir porque era dia de clássico e tal. Aí um policial viu e disse que era filho da Malu aí eles liberaram, mas ele já estava ficando nervoso. E com todo mundo é assim. Eles não queriam deixar um vizinho meu descer outro dia e ele tentou explicar e às vezes tem policial que né... Mas acabou que ele passou e eles ficaram olhando e ele entrou...</p> <p>É, existe isso aí entre até mesmo as precauções de segurança, em que tem as reuniões com a Polícia Militar que nos dá os apoios, mas existe sim uma tensão onde existe essa rivalidade de Cruzeiro e Atlético, mas a gente que é comerciante, temos que contar com a sorte e com tudo.</p> <p>Tudo bem, eles tem direito, mas, agora, você vem aqui para você aprontar? Sair de casa armado, com cacete, quebrar garrafa... Eu fiquei sabendo que nos Mineirão eles furaram o olho de um policial lá, não sei se é verdade, aí eles quiseram me proibir de vender long neck aqui. Porque eu tive um problema há pouco tempo atrás aqui, acho que foi em abril, que me multaram aqui na porta, 11 e meia da manhã, o jogo era às 7 e meia da noite. Eu recorri, porque eu tenho o selo de morador, eu sou comerciante, não tenho onde deixar o carro, então eu fico aqui esperando meus espetos chegarem, o gelo, porque se eu deixo lá embaixo, volto aqui, depois vou almoçar... O cara não quis nem saber, multou cinco pessoas aqui e não quis nem saber.</p>	<p><b>1'33 - 1'46</b> <b>2'14 - 2'27</b> <b>4'10 - 4'58</b></p> <p><b>2'02 - 2'21</b> <b>3'03 - 4'00</b></p>
<p><b>EFEITO SONORO</b></p>	<p>Vinheta de encerramento</p>	

	<p><b>LOC:</b> NO PRÓXIMO EPISÓDIO DE “ALÉM DO JOGO” / VAMOS TRAZER PROFISSIONAIS DA ÁREA DE SEGURANÇA PÚBLICA PARA FALAR SOBRE A TENSÃO DO CLÁSSICO QUE ENVOLVE OS COMERCIANTES E / CLARO / OS TORCEDORES // ALÉM DE ANALISAR DE ONDE VEM ESSA MOTIVAÇÃO DE CONFLITO ENTRE AS TORCIDAS ORGANIZADAS E O SENTIMENTO ENTRE OS RIVAIS / ATÉ LÁ //</p>	
<b>EFEITO SONORO</b>	FIM DA TRILHA PARA ENCERRAMENTO	
<b>CRÉDITOS</b>	<p>PARA A REALIZAÇÃO DESTE EPISÓDIO, / FORAM ENTREVISTADOS UM TORCEDOR DO ATLÉTICO E OUTRO DO CRUZEIRO NO ENTORNO DO ESTÁDIO MINEIRÃO E INDEPENDÊNCIA. // DIEGO ALMEIDA, / HADSON LUIZ, / MARCELO MORAES, / MARCOS AURÉLIO, / MARIA LUÍSA FORAM OS COMERCIANTES QUE DERAM DEPOIMENTOS. // JUVENAL VERZ É AMBULANTE E CONVERSOU SOBRE SEU TRABALHO E SUA HISTÓRIA TRABALHANDO EXCLUSIVAMENTE NOS CLÁSSICOS ENTRE ATLÉTICO E CRUZEIRO //</p> <p>A SÉRIE DOCUMENTAL EM FORMATO DE PODCAST É UM TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. //</p> <p>PRODUÇÃO / REPORTAGEM / APRESENTAÇÃO E EDIÇÃO DE RÔMULO SOARES COM ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR CARLOS JÁUREGUI //</p>	

Episódio #3: Conflito

Sinopse para tocador de podcast:

Uma das discussões mais frequentes sobre o clássico entre Atlético e Cruzeiro é quanto à segurança. Seja os comerciantes ou os torcedores, o ambiente conflituoso entre atleticanos



e cruzeirenses atinge todos ao redor do estádio, assim como outros pontos da cidade, e assim se faz necessário a intervenção da Polícia Militar. Neste episódio, o assunto é tratado diretamente com quem é experiente no assunto e, em contrapartida, também é apresentado a visão sociológica de atrito entre as duas torcidas.

Roteiro:

<b>EFEITO SONORO</b>	Vinheta de abertura	
	<b>LOC1:</b> OLÁ / EU SOU RÔMULO SOARES E ESTOU DE VOLTA PARA O TERCEIRO EPISÓDIO DA SÉRIE DOCUMENTAL <b>ALÉM DO JOGO</b> // NO ÚLTIMO EPISÓDIO / TROUXE A VISÃO DAS PESSOAS QUE TRABALHAM COM O COMÉRCIO NO CLÁSSICO ENTRE ATLÉTICO E CRUZEIRO / E O TEMA SEGURANÇA FOI LEMBRADO NO FINAL // COM ISSO / AGORA VOU TRAZER PARA VOCÊ A VISÃO DE QUEM É POLICIAL E TEM MAIS DE CINCO ANOS DE EXPERIÊNCIA EM ESTÁDIOS DE FUTEBOL / INCLUINDO VÁRIOS CLÁSSICOS // WITNEY UBIRATAN É PM E CONTA SOBRE ESSA ROTINA ALÉM DE SUA PERCEPÇÃO PESSOAL SOBRE ESSE TRABALHO //	
<b>SON</b> WITNEY UBIRATAN - POLICIAL MILITAR	Olha, é muito mais complexo. A Polícia Militar, especialmente o batalhão de choque, onde eu trabalho, se preocupa muito com a questão de segurança porque é um jogo de risco. Existe muito torcedor e existe muita gente que vai lá com outras intenções. Então, o efetivo empregado, tanto do batalhão especializado, quanto os batalhões diários, sendo no Mineirão ou no Independência, é muito maior e muito mais complexo. -Cara, você fica tenso? Na maioria das vezes, para começar o serviço não e hoje eu já tenho uma certa experiência em jogos, então, hoje particularmente eu não fico. Mas lá no começo, quando entrei no batalhão, eu confesso que não ficava tenso para o jogo, mas ficava tenso na hora que acontecia a situação, porque você tem que ter todo o psicológico treinado e na época eu não estava, eu estava preparando para isso. Para se ter uma reação conforme a necessidade, sem exagerar nem nada. Mas tenso, hoje em dia não, eu tenho muita tranquilidade para trabalhar em situações com grandes eventos, grande aglomeração de pessoas, então fico tranquilo.	3:28 - 4:30 27:20 - 29:35
<b>LOC</b>	WITNEY FALA SOBRE AS SUAS OCORRÊNCIAS MAIS FREQUENTES E QUEM SÃO OS PRINCIPAIS CAUSADORES DISSO / AS TORCIDAS ORGANIZADAS //	
<b>SON</b> WITNEY UBIRATAN -	Em maior parte, o que tem mesmo de conflito é relacionado a torcidas organizadas diferentes. Aquelas torcidas organizadas que são mais voltadas	06:58 - 7:40

<p>POLICIAL MILITAR</p>	<p>para confusão, porque depois que voltou a ser permitido a bebida no estádio, os confrontos aumentaram, é inevitável. Algumas torcidas até têm a intenção de evitar isso, mas outras vão lá, infelizmente, com a intenção de encontrar a outra realmente para brigar. Porque depois que voltou a questão da bebida no estádio, alguns confrontos aumentaram né, inevitável.</p> <p>Porque é um grupo de pessoas juntas, e agora permitido bebida, e é aquela velha história “futebol não se discute”, mas lá se discute muito, aí começam os conflitos né.</p> <p>Boa parte das torcidas, principalmente quando parte delas são reduzidas, se não me engano é 10% para a torcida adversária, é muito arriscado para as pessoas que vão, muita gente de bem vai, mas é arriscado. É a cultura do nosso país né, infelizmente, o pessoal nao sabe diferenciar o futebol de não ter uma briga, de respeitar o outro. Infelizmente dá no que dá. A Polícia Militar faz o maior esforço, o maior esquema de segurança para evitar conflitos, mas infelizmente você não consegue estar em toda a cidade ao mesmo tempo.</p>	<p>8:19 - 08:36 14:35 - 15:23</p>
<p><b>TEC</b></p>	<p>BG cantos de torcidas da Europa</p>	
<p><b>LOC:</b></p>	<p>A EXPERIÊNCIA DE WITNEY NOS JOGOS CONTRIBUI MUITO COM A COMPREENSÃO DESSES CONFRONTOS / MAS A CULTURA DE VIOLÊNCIA ENTRE TORCEDORES NÃO É EXCLUSIVA AO BRASIL // NA VERDADE / QUASE QUE NO MUNDO INTEIRO ESSA É UMA PRÁTICA FREQUENTE / PODENDO CITAR OS EXEMPLOS DE CONFLITOS ENTRE AS TORCIDAS DE RIVER PLATE E BOCA JUNIORS NA ARGENTINA / QUE ATÉ INVIABILIZOU UMA FINAL DE LIBERTADORES EM TERRITÓRIO SUL-AMERICANO EM 2018 // NAQUELE ANO / O JOGO ACONTECEU EM MADRI, CAPITAL DA ESPANHA // TEVE TAMBÉM A BRIGA ENTRE TORCEDORES DO GALATASARAY E FERNEBACHE NA TURQUIA QUE DEIXOU QUATRO PESSOAS MORTAS E 36 FERIDOS EM 2016 // ENTRE DIVERSOS OUTROS CASOS AO REDOR DO MUNDO //</p> <p>ESSES TORCEDORES MAIS AGRESSIVOS SÃO CONHECIDOS DE MUITAS FORMAS / SÃO CHAMADOS DE HOOLIGANS PELOS INGLESES E ALEMÃES // OU OS ULTRAS / PELOS FRANCESES / ITALIANOS E ESPANHOIS // E NA AMÉRICA DO SUL / NA ARGENTINA / CHILE E URUGUAI ESSES TORCEDORES SÃO IDENTIFICADOS COMO BARRA</p>	

	<p>BRAVAS // E NO BRASIL / ELES SÃO IDENTIFICADOS COMO TORCIDAS ORGANIZADAS //</p> <p>NO CASO DE BH / É POSSÍVEL VER AS AÇÕES DA POLÍCIA MILITAR DE BELO HORIZONTE PARA CONTER AS BRIGAS ENTRE ATLETICANOS E CRUZEIRENSES / MAS SE ELA NÃO CONSEGUIE ESTAR NA CIDADE TODA AO MESMO TEMPO / O QUE DIFICULTA MANTER AS DUAS TORCIDAS AFASTADAS UMAS DAS OUTRAS //</p>	
<b>LOC</b>	<p>GEORGINO NETO / O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIMONTES E PESQUISADOR DO FUTEBOL / QUE VOCÊ JÁ OUVIU NO EPISÓDIO PASSADO / FALA DE ONDE VEM ESSE SENTIMENTO DO TORCEDOR NO MEIO DE UMA GRANDE MASSA E APONTA COMO SURGE UMA ESPÉCIE PRAZER NESSE CONFLITO //</p>	
<b>SON</b> Georgino Neto - especialista	<p>São dois movimentos aí, primeiro de se sentir pertencente a um grupo, então essa noção de pertença se dá quando se vincula a um clube por exemplo, e um antropólogo brasileiro, chamado Arlei Sander Damo, vai cunhar o pertencimento clubístico. Então, ao você construir sua pertença ligada a um clube de futebol, você absorve toda essa condição de se sentir de fato integrado a um coletivo e, portanto, assumindo seus interesses e suas paixões. Mas essa noção de pertença se alimenta muito do seu opositor, quer dizer, você precisa de um antagonista. Então, é necessário que exista o outro para que eu me perceba. Então, é preciso que o Cruzeiro exista para que o atleticano sinta a sua noção de pertença mais potencializado. Se não fosse o Cruzeiro, o atleticano se sentiria menos importante, e vice e versa. Então, essa rivalidade alimenta essa noção de pertencimento por um lado e a noção de que o meu pertencimento necessita da existência do outro, do oponente, para que ela seja mantida. Então, é exatamente isso, eu preciso me alimentar da rivalidade do outro para que a minha pertença seja legitimada.</p>	13:58 - 15:55
<b>EFEITO SONORO</b>  <b>INSERÇÃO DO LOCUTOR</b>	<p>CANTO PROVOCATIVO DA PAVILHÃO</p> <p>ESSE FOI UM TRECHO DE UM CANTO PROVOCATIVO DA TORCIDA ORGANIZADA PAVILHÃO / CONHECIDA POR SER A MAIS VIOLENTA DO CRUZEIRO PARA A GALOUCURA // EM SEGUIDA / VOCÊ A VAI ESCUTAR</p>	

<b>EFEITO SONORO</b>	A PRÓPRIA GALOUCURA CHAMANDO A PAVILHÃO PARA UMA BRIGA //  CANTO PROVOCATIVO DA GALOUCURA	
<b>LOC</b>	SEMPRE O FUTEBOL É ASSOCIADO À EMOÇÃO / COLOCANDO A RAZÃO CADA VEZ MAIS DISTANTE DO CAMPO // O QUE NÃO ESTÁ ERRADO / POIS COMO PODEMOS OUVIR / O FATO DE UM TORCEDOR CONFLITAR COM OUTRO É JUSTAMENTE O QUE GERA COMBUSTÍVEL PARA OS DOIS EXISTIREM // E FALANDO EM COISAS SEM SENTIDO / ESCUTE O QUE UM EX-DIRETOR DA TORCIDA ORGANIZADA GALOUCURA / MACALÉ / DISSE A UM JOGADOR DO ATLÉTICO EM 2006 / NO CENTRO DE TREINAMENTO DO CLUBE COM O OBJETIVO DE PRESSIONÁ-LO POR BONS RESULTADOS // O REGISTRO FOI FEITO PELA TV ALTEROSA //	
<b>SOBE SOM</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Próxima vez que você for visto com camisa da Puma você vai ser cobrado. Todo mundo viu você dando entrevista para camisa da Puma na televisão</li> <li>- E o que que tem?</li> <li>- Puma é patrocinadora do Cruzeiro uai.</li> <li>- Mas não tem nada a ver!</li> <li>- Nós já te falamos isso uma vez e você cruzou os braços, se você cruzar os braços de novo nós vamos te descer a porrada.</li> </ul>	
<b>LOC</b>	É CADA COISA NÃO É MESMO? MAS AGORA VOLTANDO A FALAR SOBRE CONFLITOS DAS TORCIDAS / DURANTE DÉCADAS O CLÁSSICO ENTRE ATLÉTICO E CRUZEIRO ERA DISPUTADO NO MINEIRÃO COM O MESMO NÚMERO DE INGRESSOS DISPONÍVEIS PARA AS DUAS TORCIDAS. PORÉM / DE UNS TEMPOS PARA CÁ ISSO MUDOU / A VIOLÊNCIA TEM SIDO CADA VEZ MAIS FREQUENTE NOS DÉRBIS E O SONHO DE VER O GIGANTE DA PAMPULHA DIVIDIDO MEIO A MEIO PARECE CADA VEZ MAIS DISTANTE //	

<p><b>SON</b> Witiney Ubiratan - PM</p>	<p>- Para o seu trabalho seria melhor e mais tranquilo se fosse uma torcida só? Nossa, bem mais tranquilo, né. Até porque todo jogo dá algumas pequenas confusões, até com pessoas de mesmo time, mas quando se tem essa rivalidade é muito mais propenso à confusão, a tendência de acontecer tragédias é muito maior. Com uma torcida única seria excelente. Para falar a verdade, quando são alguns jogos contra times de fora, mesmo que haja rivalidade, o número de problemas que acontecem é muito menor. É muito mais fácil você prestar o serviço de segurança.</p> <p>- E a possibilidade do clássico meio a meio?</p> <p>A Polícia Militar tenta interferir e dar a nossa opinião em questão de segurança. Mas quem regulariza isso não é necessariamente a polícia, mas eu te falo, seria completamente inviável. Porque a educação que o torcedor tem hoje para participar de um evento de torcidas meio a meio eu acho que é completamente inviável.</p> <p>- E o clássico meio a meio já existia em um passado recente né, o que você acha que aconteceu? As pessoas estão mais violentas?</p> <p>Isso é muito difícil de precisar, porque o que acontece muitas vezes, nós estudamos muito isso na instituição, o que acontece quando aglomera pessoas, há muitas vezes uma sensação de impunidade, espírito de massa. Às vezes o cara vai para um jogo e muitas vezes exalta as frustrações dele ou outras coisas pessoais. O cara nitidamente estão extravasando. Quando você junta muita gente com rivalidade, bebida alcoólica, a chance de isso dar uma confusão é muito grande. Não sei se é a sensação que dá de impunidade por estar num meio de uma grande massa, mas infelizmente, hoje em dia, é inviável. Muitas pessoas, que são pais de família, elas se transformam naquele lugar.</p>	<p>15:22 - 18:54</p>
<p><b>EFEITO SONORO</b></p>	<p>VINHETA DE FINALIZAÇÃO</p>	
<p><b>LOC</b></p>	<p>NO PRÓXIMO EPISÓDIO DA SÉRIE <b>ALÉM DO JOGO</b> / VAMOS DISCUTIR DE ONDE SURGE TODO ESSE SENTIMENTO COM O FUTEBOL / O MOTIVO / POR EXEMPLO DE UMA PESSOA MUDAR COMPLETAMENTE O SEU COMPORTAMENTO EM UM EVENTO FUTEBOLÍSTICO // ATÉ LÁ //</p>	
<p><b>CRÉDITOS</b></p>	<p>PARA A REALIZAÇÃO DESTE EPISÓDIO / FORAM</p>	

	<p>ENTREVISTADOS WITNEY UBIRATAN/ PROFISSIONAL DA POLÍCIA MILITAR DE MINAS GERAIS E DA TROPA DE CHOQUE / E O PROFESSOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MONTES CLAROS GEORGINO NETO //</p> <p>ESTA SÉRIE DOCUMENTAL EM FORMATO DE PODCAST É UM TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO // PRODUÇÃO / REPORTAGEM / APRESENTAÇÃO E EDIÇÃO DE RÔMULO SOARES COM ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR CARLOS JÁUREGUI //</p>	
--	--	--

Episódio #4: O fenômeno cultural

Sinopse do episódio:

No quarto episódio da série, é mostrado o futebol de uma maneira mais expandida do que no âmbito esportivo, e sim cultural. Os reflexos futebolísticos em uma sociedade complexa por si só e quanto de filosofia está envolvida neste esporte que, pode até não parecer, mas influencia uma legião de pessoas. Atlético e Cruzeiro são os símbolos de identidade mais fortes de Minas Gerais e a reflexão sobre os belo-horizontinos é notável.

Roteiro:

<b>EFEITO SONORO</b>	VINHETA DE ABERTURA	
<b>LOC</b>	<p>OLÁ / ESTE É O QUARTO EPISÓDIO DA SÉRIE ALÉM DO JOGO // EU SOU RÔMULO SOARES E VAMOS TRATAR DE EMOÇÕES NO MUNDO ESPORTIVO // O FUTEBOL TRAZ AO TORCEDOR UM SENTIMENTO DE AMOR E ÓDIO / MUITAS VEZES DE POUCA RACIONALIDADE E MUITA PAIXÃO. // MESMO QUE PAREÇA DIFÍCIL DE ENTENDER, / PARA UM AMANTE DO FUTEBOL, / SEU CLUBE É O QUE INTERESSA E PONTO FINAL. //</p> <p>É / NA VERDADE / UMA QUESTÃO DE LEALDADE // POR MUITAS VEZES / UM TORCEDOR FIEL DEIXA QUESTÕES PARTICULARES E OBRIGAÇÕES PARA ESTAR REPRESENTANDO SEU CLUBE / DEIXA EM SEGUNDO PLANO SEUS PAIS / CASAMENTO / ÀS VEZES ATÉ FILHO / PARA ESTAR JUNTO DO SEU TIME // QUER ENTENDER O QUE EU QUIS DIZER COM ISSO? // ESCUTA SÓ O QUE CONTA O</p>	

	JUBILEU / DIRETOR DA TORCIDA ORGANIZADA DO ATLÉTICO MOVIMENTO 105 / E/ NA SEQUÊNCIA/ ALGUNS TORCEDORES DO CRUZEIRO //	
<b>SON</b>  Jubileu - diretor torcida organizada Movimento 105 (Atlético)	Cara, isso é o tempo todo, isso aí não tem jeito de escapular não. Hoje 6h30 a gente já estava aqui já para arrumar material dentro do estádio. Aí, no dia anterior, você não sai com a namorada, você muitas vezes não participa de festa de família, porque você sabe que não vai aguentar acordar. Se tivesse um almoço de família agora, eu ia participar do almoço só depois do jogo. Meu pai e minha mãe estão lá me esperando para almoçar, mas só depois de duas horas da tarde, só depois de sair daqui, o jogo acaba uma hora da tarde hoje, aí tem mais ou menos uma hora e meia para tomar conta dos materiais das torcidas, aí é só depois de duas e meia da tarde para almoçar e olhe lá.	<b>5'28</b> <b>6'06</b> -
Alexandre Nunes - torcedor do Cruzeiro Arquivo Z0000002	- Rapaz, eu vim de Três Rios, Rio de Janeiro, é chão para caramba. - E qual a sua motivação de sair de lá para vir? - É amor, não tem outra coisa, estamos sofrendo com o Cruzeiro esse ano aí, mas não tem outro jeito não. - Você costuma abrir mão de coisas pessoais pelo seu time? - Bom, tem uma música do Cruzeiro que a gente canta na arquibancada que fala que a gente abre mão de tudo pelo Cruzeiro, e em dia de clássico é assim.	<b>2:13</b> <b>2:27</b> - <b>3:00</b> <b>3:11</b> -
Torcedor do Cruzeiro simpático Arquivo Z0000004	Cara, para eu te falar a verdade hoje é aniversário da minha mãe. Está todo mundo lá em casa fazendo aquele almoço, aquele churrasco. E eu sou muito de brincar com minha mãe e disse "ô Dona Maria, a senhora sabe que eu tenho que ir no jogo...", aí ela fala "eu já sei, pode ficar tranquilo", aí dei nela um abraço, comi um pedaço de carne, só para dar aquele "miguê" mesmo. Então ela sabe, é aniversário da "véia", mas não tem jeito cara, vem de berço.	<b>4:18</b> <b>4:45</b> -
<b>INSERÇÃO DO LOCUTOR</b>	ESTE É O GEORGINO NETO / PESQUISADOR DA ÁREA DE ESPORTE QUE JÁ PARTICIPOU DOS OUTROS TRÊS EPISÓDIOS ANTERIORES //	
<b>SON</b> Georgino Neto	A minha dissertação de mestrado, inclusive, ela trata disso. Porque a gente pode pensar num sentido de que existe uma espécie de educação para o torcer, as pessoas são educadas pelo ambiente em que elas situam, pelos amigos, família, então você tem uma construção educada, no sentido de que há um movimento que transmite determinados valores. Agora, o interessante é quando isso nasce, porque quando não tinha futebol, não tinha torcida. Então esses primeiros vínculos que são transmitidos de geração em geração vão nascer muito pelo sentido de outros pertencimentos	<b>33'32</b> <b>37'44</b> -

	<p>sociais. Então, por exemplo, o América estava muito vinculado com um extrato da elite belo-horizontina, então quem era daquele meio acabava se apropriando desse gosto e, no caso dos palestrinos a colônia italiana, e no caso do Atlético as camadas mais populares, porque o Atlético tinha uma condição restritiva bem menor para participar da vida social do clube. Então, as pessoas começavam a aderir um clube ou outro não por causa do clube e sim o que ele representava em outros espaços, e a partir disso você começava a construir uma identidade de pertencimento que passava a ser muito valorosa e aí o futebol, e o esporte de uma maneira geral, carrega consigo essa chama de paixão da disputa, do embate, de ganhar e tal. Eu encontrei notícias de 1918, antes mesmo do palestra existir, mas também ao longo da década de 20, que a gente fica assustado né, no sentido de que havia um movimento muito forte de vínculo passional, as pessoas faziam apostas no clube para ver quem ganhava, você tinha bares em Belo Horizonte, que eram frequentados apenas por torcedores do Atlético, Palestrino ou Americano. Isso já na década de 20. Então você percebe todo um movimento que é construído de vinculação passional porque você tinha demonstrações já naquela época de pessoas que eram apaixonadas pelo seu time e faziam coisas absurdas. Agora, de onde isso nasce ou porque isso acontece, acho que a academia sempre vai estar atrás de respostas e encontram algumas explicações, mas estamos tratando de algo bastante imponderável e inexplicável, não há muita lógica nesse processo, a gente sente, vibra com aquilo, vive aquele sentimento e é isso, é a mesma coisa de eu perguntar porque a gente é tão vinculado a algum sujeito, uma namorada, esposa, enfim. Esse sentimento nasce como? Como ele é nutrido? Não tem muita explicação.</p>	
<b>LOC</b>	<p>PARECE QUE ENTENDER A ORIGEM DO SENTIMENTO COM O FUTEBOL PARTE DO PRINCÍPIO MATEMÁTICO DE LIMITE DE PRIMEIRO GRAU: NÃO HÁ COMO CHEGAR A ZERO / NO MÁXIMO DÁ PARA TENDER A ZERO // É MEIO QUE POR AÍ / É DIFÍCIL CONSEGUIR CHEGAR A UMA CONCLUSÃO E RESPONDER COM PRECISÃO DE ONDE VEM TODO ESSE SENTIMENTO / MAS EXISTEM ALGUNS MEIOS PARA AJUDAR A EXPLICAR O QUE PODE TER CAUSADO ESSE FENÔMENO QUE / PARA OS TORCEDORES / É MESMO ALGO QUE VEIO DO SANGUE. //</p>	
<b>EFEITO SONORO</b>	<p>CANTO DAS TORCIDAS (depois usa de BG)</p>	



<p><b>SON</b></p> <p>Alexandre Nunes - torcedor do Cruzeiro</p> <p>Jubileu - Diretor torcida organizada Atlético (Movimento 105)</p>	<p>Ah, vem de berço né “fi”. Já nasci cruzeirense.</p> <p>Para mim é o preto e o branco, velho. O escudo do Galo é a roupa, está no sangue. Sinceramente eu poderia ficar falando aqui horas e horas, não dá para explicar.</p>	<p><b>00:54</b> -</p> <p><b>1:00</b></p> <p><b>1:40</b> -</p> <p><b>1:53</b></p>
<p><b>LOC</b></p>	<p>ASSIM COMO JÁ ABORDAMOS NO TERCEIRO EPISÓDIO / VAMOS FALAR AGORA SOBRE O ESPÍRITO DE MASSA QUE PASSA PELOS TORCEDORES , QUE SE AGLOMERAM NO ENTORNO DOS ESTÁDIOS // A IDEIA É ENTENDER DE ONDE VEM O PRAZER NO CONFLITO DENTRO DO FUTEBOL / E COMO ESSES TORCEDORES SE COMPORTAM //</p>	
<p><b>SON</b></p> <p>Georgino Neto</p>	<p>Eu entendo que essa sensação de prazer, onde esse prazer reside, primeiro é muito subjetiva para cada sujeito. Mas tentando pensar coletivamente, qual é a graça, primeiro tem essa coisa da catarse, de você poder extravasar suas emoções, eu acho que isso é extremamente prazeroso. Fazendo uma analogia ao gozo, a essa coisa do êxtase. Eu vejo também essa ideia de prazer ao sentimento de pertença que eu vinha falando, então você se sente pertencer a uma coletividade e isso é extremamente prazeroso, você reconhecer e se ver ali entre os iguais. Tem um sociólogo britânico, Richard Giulianotti, que escreveu um texto maravilhoso sobre a tipologia de torcedor, então ele traçou aí quatro tipos de torcedor, um que é mais vinculado passionalmente, outro que é mais vinculado ao consumo e tal. Mas eu fico pensando assim, que a minha experiência de torcer está muito associada ao próprio sentimento de existência do sentimento de paixão. Isso não se dá com qualquer experiência.</p>	<p><b>25:10</b> -</p> <p><b>27:50</b></p>
<p><b>SON</b></p> <p>Ana Luíza Ferreira - torcedora do Atlético</p> <p>Daniele Cristina - torcedora do Atlético</p> <p>Torcedor do Cruzeiro simpático</p>	<p>- Qual que é a sua postura no estádio em um dia de clássico? Eu canto 105 minutos, os 90 de jogo e 15 de intervalo, o apoio é incondicional.</p> <p>No clássico eu sou mais intensa. Eu canto muito, pulo muito, xingo muito. É o jogo que eu mais demonstro todas as minhas emoções.</p> <p>Cara, apreensivo a gente fica. Eu apoio os 90 minutos, não vaio o time de forma alguma, é claro que tem torcedor que vaia, mas eu não. Mas eu xingo, ainda mais quando um atacante perde na cara do gol, mas eu não vaio de jeito nenhum porque o jogador está ali para se doar. Então eu canto, vibro, fico apreensivo e tal.</p>	<p><b>2:32</b> -</p> <p><b>2:42</b></p> <p><b>1:27</b> -</p> <p><b>1:37</b></p> <p><b>3:07</b> -</p> <p><b>3:47</b></p>

<p><b>LOC</b></p>	<p>E AQUI EU FAÇO UMA REFLEXÃO PESSOAL // PENSE COMIGO / A IDOLATRIA POR UMA EQUIPE É DIFÍCIL DE COMPARAR COM A ADMIRAÇÃO QUE ALGUÉM PODE TER POR UMA PESSOA / É ATÉ PECADO SE PROCURARMOS BEM NA BÍBLIA //</p> <p>CÁ ENTRE NÓS / NINGUÉM AGUENTA UM FÃ EXACERBADO DE UM CANTOR / LÍDER POLÍTICO / OU MESMO RELIGIOSO // MAS A IMPRESSÃO QUE TENHO É QUE / APESAR DA INCOMPREENSÃO POR PARTE DE MUITOS / UMA PAIXÃO CEGA COM O FUTEBOL É MAIS TOLERÁVEL //</p> <p>ISSO ACONTECE PORQUE SE TRATA DE UM SÍMBOLO IDENTITÁRIO / UM ESCUDO / UMA BANDEIRA / UMA ENTIDADE // É MUITO MAIS RARO VER UM TORCEDOR EXCLUSIVO DE UM JOGADOR / PORQUE OS ATLETAS PASSAM PELO CLUBE / VEM E VÃO / BEIJAM ESCUDO / E / NA PRÓXIMA TEMPORADA PODEM ESTAR FAZENDO O MESMO NO TIME RIVAL // MAS O CLUBE DE FUTEBOL/ NÃO // É UMA INSTITUIÇÃO QUE PERMANECE / POR ISSO TORCEDORES DIZEM QUE LEVARÃO O SENTIMENTO POR TODA A VIDA // POIS O CLUBE SERÁ AQUELE MESMO TIME ATÉ O TORCEDOR MORRER // ENQUANTO ISSO/ UM ARTISTA / UM POLÍTICO / OU MESMO UM JOGADOR DE FUTEBOL PODE TE TRAIR // O TIME DE FUTEBOL/ PARECE QUE NÃO //</p>	
<p><b>SON</b></p> <p><b>Georgino Neto</b></p>	<p>Nas aulas de sociologia do esporte, que eu trabalho, eu falo que o futebol é o maior e com maior força, o objeto cultural de maior força, mais que religião por exemplo. Não tem nenhuma experiência social que ultrapasse o futebol em termos de adesão e de vínculo. Um exemplo que eu gosto de dar é quando um casal está esperando um filho, antes de um nome ou religião ele já tem um time. Quando</p>	<p><b>27:56</b> - <b>29:27</b></p>

	<p>a criança nasce, o primeiro presente que ele vai receber é um macacão ou uma roupinha do time. Não vai ser uma camisa escrita: “aqui mais um católico”, ou “aqui mais um católico”, vai ser “aqui mais um cruzeirense”, “aqui mais um atleticano”. Então, sem dúvida, o futebol é a grande paixão do brasileiro. Inclusive, quem não gosta e admite que não gosta é um sujeito estranhado socialmente, deslocado. E o fato de dizer que não gosta já diz muito sobre a força do futebol.</p>	
<b>LOC</b>	<p>O FUTEBOL / ALÉM DE PAIXÕES / UNE DIVERSOS REFLEXOS DA SOCIEDADE // EXISTE UMA DUALIDADE ENTRE A OPINIÃO POPULAR QUE DIZ QUE O FUTEBOL UNE TODAS AS CLASSES E A PERCEPÇÃO DA REALIDADE COMERCIAL DO ESPORTE// NELA/ SÃO CRIADOS PROGRAMAS DE SÓCIO-TORCEDOR E CLUBES EMPRESAS // GEORGINO NETO TAMBÉM COMENTA SOBRE ESSA REFLEXÃO CONTROVERSA //</p>	
<b>SON</b> GEORGINO NETO	<p>O campo dos estudo do futebol tem crescido bastante dentro das ciências sociais humanas, e eu vejo que o Brasil está muito atrasado em perceber no futebol esse objeto extremamente importante para a leitura da realidade. Mas de duas décadas para cá esses estudos têm crescido bastante, e cada vez mais esse estudo tem favorecido as pessoas entenderem a relação do indivíduo com a sociedade, a gente em passado nos últimos anos uma transformação na experiência do torcer e do próprio jogo, adotando um modelo mais europeizado. Então, perceber todos esses movimentos ajuda a compreender o sujeito dentro dessa perspectiva, se é uma pessoa que consegue pagar o sócio-torcedor, ir aos jogos, de que lado vou estar situado. E por outro lado é importante a gente pensar o modelo econômico e as forças econômicas atuando com essa experiência. Então, é entender quem é que lucra com esse espetáculo e para onde esse</p>	00:39:18 - 00:42:28

<p><b>INSERÇÃO</b></p> <p>Georgino Neto</p>	<p>dinheiro está indo. E isso não é fruto de geração espontânea, tem todo um processo historicamente construído. Então eu vejo essa força social do futebol com uma força muito grande para a gente compreender a nossa realidade. Se a gente pegar a pandemia como exemplo, eu vejo muita gente dizendo que agora está vendo que o futebol não tem importância nenhuma, e eu respondo na rede social, é o contrário, agora a gente vê a força que o futebol tem. Muita gente também fala que “agora a gente vê que é possível viver sem futebol” e eu falo “é perfeitamente possível viver sem o futebol, mas que graça que tem”.</p> <p>VOCÊ ACHA QUE O FUTEBOL UNE TODAS PESSOAS / DE CLASSES DIFERENTES / GOSTOS DIFERENTES E CONVÍVIOS DISTINTOS? BOM / TALVEZ UM POUCO DE SENSO CRÍTICO POSSA CAUSAR UMA DECEPÇÃO QUANTO A ISSO //</p> <p>Obviamente esse conjunto de torcedores e sujeitos e o que está em torno disso é repleto de muita tensão e há diferenças que são acentuadas dentro desse movimento. Embora o ponto convergente seja a paixão pelo clube, e isso de fato, é, dentro desse ponto comum você tem diferenças que são muito marcantes. Pegando, por exemplo, as classes sociais. Nem todo mundo vai ter condições de ir ao jogo, principalmente com esse novo cenário do futebol, da arenização dos estádio, de um certo modelo europeizado de torcer, que tirou muita gente da possibilidade de torcer.</p> <p>Essa convergência de classes que o futebol acaba sendo um pólo bastante potente na cultura brasileira para atrair essa diversidade de pessoas em seu centro de atenção. Eu vejo exatamente isso, ao longo de sua história, como objeto social brasileiro, a gente percebe que a adesão a esse projeto civilizatório é exitoso, porque consegue</p>	<p><b>06:09 - 7:08 03:35 - 4:37</b></p>
---	--	---

	<p>atrair em diversas perspectivas, como política, cultura, consumo, economia, ele consegue atrair os mais diversos sujeitos.</p>	
	<p>LOC: A VERDADE É QUE DENTRO DO FUTEBOL HÁ MUITO MAIS DO QUE SE PENSA // TEM PSICOLOGIA / SOCIOLOGIA / GEOGRAFIA E MATEMÁTICA / O ALÉM DO JOGO ABORDOU DIFERENTES VISÕES SOBRE UM CLÁSSICO QUE / COMO JÁ DITO POR PROFISSIONAIS DA ÁREA / “DIVIDE UMA CIDADE” // NO CASO / A CAPITAL DE MINAS GERAIS // MAS ALÉM DAS QUATRO LINHAS TAMBÉM EXISTE UM MERCADO / UM PLANEJAMENTO DE SEGURANÇA / UM CONFLITO / UM RITUAL QUASE RELIGIOSO / E MUITO MAIS //</p> <p>ACREDITO QUE TUDO ISSO / NO FUNDO / TEM UMA IMPORTÂNCIA EMBLEMÁTICA NO QUE CONSTITUI O FUTEBOL / NÃO APENAS NO ATLÉTICO E CRUZEIRO // DAR VOZ A ESSAS PESSOAS MOSTRA QUE O FUTEBOL RESPIRA NEM SEMPRE DENTRO DO ESTÁDIO EM SI / MAS NAS PESSOAS QUE TRABALHAM NO ENTORNO DELE / OU NOS QUE VIVEM A SUA PAIXÃO INTENSAMENTE / NOS RITUAIS / NOS COMPORTAMENTOS / MOSTRANDO QUE / ALÉM DO ESPÍRITO ESPORTIVO / ESSE FENÔMENO CULTURAL MUDA A VIDA DAS PESSOAS //</p> <p>EU SOU RÔMULO SOARES // VOU FICANDO POR AQUI / AGRADEÇO A VOCÊ QUE ESCUTOU ATÉ ESTE QUARTO EPISÓDIO / O ÚLTIMO DA TEMPORADA / UM FORTE ABRAÇO //</p>	
<b>EFEITO SONORO</b>	ENCERRAMENTO	
<b>CRÉDITOS</b>	<p>PARA A REALIZAÇÃO DESTE EPISÓDIO, / FORAM ENTREVISTADOS DANIELE CRISTINA / ANA LUIZA FERREIRA E UM TORCEDOR DO CRUZEIRO QUE NÃO CONSEGUIMOS</p>	

IDENTIFICAR // FALAMOS TAMBÉM COM O PROFESSOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MONTES CLAROS E PESQUISADOR DO GEFUT DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS / GEORGINO NETO //

ESTA SÉRIE DOCUMENTAL EM FORMATO DE PODCASTS É UM TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. // PRODUÇÃO / REPORTAGEM / APRESENTAÇÃO E EDIÇÃO DE RÔMULO SOARES COM ORIENTAÇÃO DE CARLOS JÁUREGUI //